

THAÍSE PEREIRA BASTOS DE ALMEIDA SILVA

**O II CANTO DAS *GEÓRGICAS*: O SIGNIFICADO DAS
DIGRESSÕES NA POESIA DIDÁTICA**

Rio de Janeiro

2010

O II CANTO DAS *GEÓRGICAS*: O SIGNIFICADO DAS DIGRESSÕES NA POESIA DIDÁTICA

Tháíse Pereira Bastos de Almeida Silva

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Thereza Basílio Vieira

Rio de Janeiro
Agosto de 2010

**O II CANTO DAS *GEÓRGICAS*: O SIGNIFICADO DAS DIGRESSÕES NA
POESIA DIDÁTICA**

Tháise Pereira Bastos de Almeida Silva

Orientadora: Professora Doutora Ana Thereza Basílio Vieira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Aprovada por:

Prof. Dr. Ana Thereza Basilio Vieira
Presidente

Prof. Dr. Lívia Lindóia Paes Barreto

Prof. Dr. Rívia Silveira Fonseca

Prof. Dr. Auto Lyra Teixeira (Suplente)

Prof. Dr. Paula Branco de Araujo Brauner (Suplente)

Rio de Janeiro
Agosto de 2010

Silva, Thaíse P. B. A.

O II Canto das *Geórgicas*: O significado das digressões na poesia didática/Thaíse Pereira Bastos de Almeida Silva. - Rio de Janeiro: UFRJ/FL,2010.

ix, 62f.; 30 cm.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Thereza Basílio Vieira

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/Faculdade de Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2010

Referências Bibliográficas: f. 67-69

1. Vergílio 2. Poesia Didática 3. Análise Literária 4. Digressões
I. Vieira. Ana Thereza Basílio. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. III. Título

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos mestres, todos aqueles que passaram por minha, ainda nascente, vida acadêmica e que me puseram no caminho de encontro com o saber, bem como à instituição que me recebeu, na qual tive a honra de estudar e de passar os melhores anos da minha vida, a UFF.

Dentre os queridos mestres, não poderia jamais deixar de citar a Prof.^a Dr.^a Livia Lindóia Paes Barreto por ter acompanhado desde os primeiros e decisivos passos, quando, ainda na graduação, iniciou-me cientificamente nos estudos latinos. Seu entusiasmo e luta pela preservação e enriquecimento desses estudos foram determinantes para a minha opção (de vida, eu diria) pelo Latim. Grande professora, orientadora, companheira, amiga e, sobretudo, fiel torcedora de seus alunos. Devo-lhe toda a admiração e gratidão.

Cito também e, com muito carinho, agradeço à Prof.^a Dr.^a Ana Thereza Basílio Vieira, a mais recente partícipe desta jornada acadêmica, não só pela séria e eficiente orientação dos estudos, mas também pelo grande incentivo e total disponibilidade em ajudar. Sua serenidade, simplicidade e extrema competência fizeram deste trabalho, além de possível, enriquecedor e, sobretudo, agradável, gratificante.

Aos amigos conquistados na UFF e fora dela.

À família tão pequena, mas tão unida, no seio da qual tive a felicidade de ser amada e educada. Devo o que sou hoje e o que virei a ser um dia, principalmente, ao exemplo das grandes mulheres da minha vida: Cristiane e Ildete, mãe e avó.

Por fim, o meu profundo agradecimento ao companheiro de todas as horas, que transpõe os obstáculos e comemora as conquistas como se fossem seus. Uma parceria muito feliz, que deu certo e que completará, em breve, o seu nono ano. Meu amigo, meu amor, meu noivo Diogo Fonseca Pio.

*“labor omnia vincit
improbis et duris urgens in rebus egestas”.*

Nas situações difíceis, o trabalho persistente e a
necessidade, que ameaça, vencem todas as coisas.

(VERGÍLIO, *Geórgicas*, I, v. 145 – 146)

O II CANTO DAS *GEÓRGICAS*: O SIGNIFICADO DAS DIGRESSÕES NA POESIA
DIDÁTICA

Tháise Pereira Bastos de Almeida Silva

Orientadora: Professora Doutora Ana Thereza Basílio Vieira

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

A peça fundamental desta proposta de estudo é o caráter literário das *Geórgicas* de Vergílio, cuja análise tomará como fonte as digressões que compõem o II canto da obra. Desta forma, buscar-se-á responder a questionamentos acerca da importância destes elementos de digressão na estrutura da obra, bem como o papel que desempenham em seu contexto. Averiguar-se-á, por meio da análise estilística e literária, se tais textos possuem caráter didático ou se constituem apenas um mero recurso de erudição do poeta.

Palavras-chave: poesia didática, tradução; análise literária.

Rio de Janeiro
Agosto de 2010

The II chant of the *Georgics*: The significance of digressions in didactic poetry

Tháise Pereira Bastos de Almeida Silva

Orientadora: Professora Doutora Ana Thereza Basílio Vieira

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à Obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

The cornerstone of this proposed study is the literary character of the *Georgics* of Virgil, whose analysis takes as a source digressions that make up the corner II of the work. Thus, it will seek to answer questions about the importance of these elements of digression in the structure of the work and the role they play in context. Will investigate, through stylistic and literary analysis, if these texts have the didactic character or whether they are a mere feature of erudition of the poet.

Kew-words: didactic poetry, translation; literary analysis

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 AS <i>GEÓRGICAS</i> : primeiras palavras..... | 10 |
| 2 CONTEXTUALIZAÇÃO..... | 13 |
| 2.1 O Segundo triunvirato..... | 15 |
| 2.2 O Século de Augusto..... | 20 |
| 3 A LITERATURA LATINA..... | 22 |
| 3.1 A literatura latina na <i>Época de Augusto</i> | 22 |
| 4 VERGÍLIO: VIDA E OBRA..... | 24 |
| 5 AS <i>GEÓRGICAS</i> | 27 |
| 5.1 As <i>Geórgicas</i> e seu estatuto de poesia didática..... | 31 |
| 5.2 As digressões..... | 37 |
| 6 O II CANTO DAS <i>GEÓRGICAS</i> | 39 |
| 6.1 As digressões do II canto das <i>Geórgicas</i> | 43 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 65 |
| 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 69 |

1-AS *GEÓRGICAS*: primeiras palavras

Em princípio, não se pode deixar de pontuar a extrema pretensão, e porque não, dificuldade, em realizar um estudo, ainda que breve, desta obra, de tal forma complexa quanto à confecção, tanto durou cerca de sete anos, não só no que diz respeito à quantidade de autores e obras predecessores aos quais presta tributo, mas também pela construção elaborada dos períodos, sintagmas e outras conexões de termos estilisticamente combinados em nível sintático e, daí resultante, pela gama de significações e ressignificações múltiplas, alusões, conceitos, preceitos, no que concerne ao nível semântico.

A técnica artisticamente apurada é claramente atestada nesta obra de Vergílio e se nos revela já num primeiro exercício de leitura, durante o qual deparamo-nos com preceitos essencialmente técnicos acerca das diversas formas de cultura da terra e de tratamento dos animais, ornados por belíssimas passagens nas quais são tratados temas outros, de cunho filosófico, ético, moral e, até mesmo, existencial, para, então, tal aptidão criadora mostrar-se de uma maneira ainda mais contundente, quando da tentativa de levantamento, análise e compreensão destes aspectos que permeiam a obra, por meio da tradução do texto latino.

Nesta tarefa de tradução e “interpretação”, o que pode vir a comprometer o trabalho de um tradutor desavisado ou ainda desabituaado ao estilo que o poeta imprime à obra são as diversas possibilidades de tradução de um mesmo trecho, ou melhor, a dificuldade não só para determinar a grande variedade de sentidos oriunda das combinações inusitadas de termos, mas também para atribuir-lhes o valor real e, sobretudo, para encontrar a mais adequada dentre as diversas acepções que as palavras recebem.

Em sua essência, a obra prega que a felicidade tranqüila do homem reside primeiramente no trabalho, um dos preceitos basilares da corrente filosófica epicurista. Aqui, é dignificado e, até mesmo, divinizado o nobre ofício do agricultor. Este, por sua vez, também o é, na medida em que não se submete (em sentido estrito) às dificuldades que este trabalho proporciona, mas, pelo contrário, se doa por inteiro, este homem, cujo espírito é recompensado e reconfortado pelo encanto e pela beleza da natureza com a qual comunga, percebe sua majestade e presta os merecidos agradecimentos ao poder divino.

O poeta ratifica a adoração pelo campo com uma sensibilidade singular, capaz de celebrar as alegrias e os prazeres que a vida campestre pode proporcionar, bem como exaltar o *labor agricola*, por vezes árduo, livrando-o de todo pesar e sacrifício que lhe é próprio.

Para Vergílio, o trabalho que envolve o cultivo da terra e a criação dos animais só se torna sagrado e adquire mérito se for possível contemplar a dádiva divina que nos rodeia, a beleza da natureza que se ergue diante de nossos olhos.¹

O objetivo da presente pesquisa é realizar uma análise literária das três digressões constantes do II canto das *Geórgicas*, as quais tratam respectivamente, das terras da Itália, da primavera, como estação do ano mais propícia para serem exercidas as atividades agrícolas e, por fim, da vida agreste.

Tal análise prezará, sobretudo, a construção poética em nível semântico, ou seja, os sentidos que a obra produz, ainda que alguns recursos lingüísticos sirvam de sustentação para conclusões e/ou constatações.

Em outras palavras, serão expostas possíveis interpretações para os complexos versos vergilianos, com o objetivo de, assim, discutir sua importância no contexto da obra, bem como sua contribuição para a função didática característica do poema.

Para tanto, a obra é situada espacial e temporalmente, além de serem verificados os vários significados, conceitos e engajamentos nela contidos.

Em seguida, pretende-se expor um breve exame da poesia didática antiga, a fim de averiguar quais os elementos da obra que permitem a sua categorização como um poema de fins educativos, ou seja, um poema **didascálico**. Esta análise considerará, sobretudo, as *Geórgicas*, não como manual de agricultura, mas uma obra fundamentalmente literária.

O trabalho fornece um breve resumo dos quatro cantos, porém com ênfase no II, cujo assunto é o cultivo das árvores e da vegetação em geral, com especial atenção para a vinha.

Na primeira parte do trabalho, de análise teórica, apresentar-se-á o momento histórico, político e literário, durante o qual a obra foi composta, o gênero didático de poesia, suas principais características e influências, as quais Vergílio recebeu. Essa parte

¹ PARATORE, 1983: 368.

constitui-se das observações que demonstram o resultado das pesquisas e reflexões feitas sobre a obra.

Em seguida encontra-se a parte principal da pesquisa: a tradução e a análise dos textos selecionados das *Geórgicas*, os quais já foram mencionados nestas ressalvas iniciais.

Na conclusão serão discutidos e avaliados os valores literário, poético e principalmente didático da obra como um todo e dos textos selecionados para a tradução e análise.

Utilizou-se, para a tradução, o texto latino estabelecido por E. de Saint-Denis (*Geórgiques* . Paris: Les Belles Lettres, 1968.)

Por fim, a proposta é, de acordo com as informações fornecidas pelo texto de Vergílio, buscar suscitar questionamentos, e possíveis conclusões, acerca dos seus ideais, seus engajamentos, sua arte e suas convicções filosóficas.

2- CONTEXTUALIZAÇÃO

Caio Otávio, nascido em setembro de 63 a. C., recebeu oficialmente o nome de *Caius Iulius Caesar Octavianus* ao tornar-se herdeiro e filho adotivo do ditador Júlio César em 45 a.C.

Surgiu no cenário político de Roma em fins da República, após a morte de César no ano de 44 a.C., onde se estabeleceu, então, a fim de vingar o assassinato do pai adotivo. Neste momento, Roma atravessava uma situação de extrema instabilidade, uma vez que as guerras civis, muito recorrentes durante o período republicano, ainda se faziam presentes.

Marco Antônio, outra personagem determinante nesta fase da vida política romana, com uma carreira em ascensão quando da morte de César, tentou assumir o poder absoluto, todavia teve de enfrentar recorrentemente a posição defensiva do Senado.

Otávio, por sua vez, tratou de agir como o único herdeiro, exigindo também o poder que supostamente lhe era devido. Supostamente, porque o poder absoluto de César não podia ser deixado por sucessão a ninguém.

Antônio sabia disso, todavia também tinha o objetivo de suceder César no governo de Roma. Percebendo, prontamente, Otávio como seu principal obstáculo, buscou aumentar a popularidade e o poder, obtendo vantagens de seu cargo de cônsul.

Por meio de barganhas econômicas e manobras políticas, Otávio conseguiu organizar um exército, constituído pelos veteranos soldados de César. Em seguida, buscou desconstruir a imagem de Antônio diante do povo, recorrendo primeiramente ao grande orador Cícero. Conseguiu o cargo de pretor, auxiliado por Cícero, uma vez que já possuía um exército considerável e ameaçador, aos olhos do Senado, e, utilizando-se do orador, iniciou sua vitória política.

Em linhas gerais, é desta forma que tem início a disputa de poder entre Antônio e Otávio, que perdurou por alguns anos, tendo como ponto culminante a Batalha do Ácio, que mudou definitivamente os rumos da história romana.

Otávio passou a estreitar relações com os homens públicos e magistrados mais eminentes de Roma e, como principal estratégia para alcançar seus intentos, também passou a usar a acusação de traidor de César contra Antônio.

Aliando-se ao Senado e munido de poderes por ele concedidos, Otávio conseguiu, por influência dos notáveis discursos de Cícero, que fosse declarada guerra a Marco Antônio.

Antônio sofreu sua primeira derrota em Módena, uma vitória do Senado contra ele, mas, tendo Otávio tomado o comando das tropas, este foi considerado como verdadeiro vencedor.

De acordo com SANTOS, “após o episódio de Módena, o Senado considerou Antônio inimigo público, julgando-o rebelde”². Antônio encontrou, então, o auxílio do general Emílio Lépido, cujo exército assumiu. A renomada legião que Lépido chefiava havia sido-lhe entregue pelo Senado. Esta união dos dois chefes foi noticiada ao Senado e este, por sua vez, percebeu que estava a formar-se uma rebelião contra a República.

Neste ínterim, Cícero, no Senado e na Assembléia do povo, tratava de manchar a imagem de Antônio com as suas *Filípicas*. Outros dois generais, Bruto e Cássio ficaram incumbidos de organizar, contra Lépido e Antônio, o exército que lutaria para defender os interesses da República.

Lépido temendo a sua desvantagem frente aos adversários, possuidores de mais legiões que as suas, procurou Otávio, propondo um acordo, de modo a intentar uma reconciliação deste com Antônio.

Otávio procurava de todas as formas nomear-se cônsul, no mesmo tempo de Cícero. Sua nomeação, contudo, seria vista com indignação, uma vez que ainda tinha menos de 20 anos.

O caráter de Otávio era visto com bons olhos pela maioria dos senadores que, todavia, numa tentativa de precaverem-se, concederam-lhe apenas direitos de opinar entre os cônsules.³

Por fim, Otávio cedeu à proposta de Lépido e uniu-se a ele e a Antônio, em uma espécie de um acordo secreto. Aí já se delineava que uma aliança entre os três generais, cujos interesses eram os mesmos no que concerne ao poder, seria concretizada.

Logo em seguida, Otávio, mudando de idéia, apresentou-se aos soldados como filho e herdeiro de César, solicitou-lhes auxílio, persuadindo-os a enviar a Roma uma delegação de Centuriões, com o fim de exigir para si a suprema magistratura.⁴

² SANTOS, 1995: 25.

³ DOURADO, 1974: 55-56.

⁴ SANTOS, 1995: 25.

Com a recusa do Senado em aceitar seu pedido de magistratura, marchou, então, sobre Roma e ocupou-a. Conseguia, assim, seu primeiro objetivo: em 19 de agosto, tornou-se cônsul por meio de nomeação.

Em finais do ano de 43 a.C., Otávio associou-se definitivamente aos dois generais: Antônio e Lépido. Após uma conferência de três dias, estabeleceram entre eles um acordo. Com a exigência de Otávio pela reabilitação de Antônio e Lépido por parte do Senado, eles formaram o Segundo Triunvirato, que governou o mundo romano durante seis anos.

Tal aliança, como sugere o nome, já havia sido vista em Roma, todavia, este, ao contrário do Primeiro Triunvirato, formado outrora por Júlio César, Pompeu e Crasso, foi uma aliança formal estabelecida pelos triúnviros, uma nova magistratura, com o aval do Senado Romano.

2.1 O Segundo Triunvirato

Com poder nas mãos de Otávio, Marco Antônio e Lépido, foi restaurada a ditadura militar, uma vez que, com base no acordo estabelecido, a eles era conferido o poder absoluto, que incluía até mesmo os direitos de matar, atribuir, bem como confiscar terras. Em conformidade com esta ditadura coletiva, eles receberam o título de *triumviri rei publicae constituendae*, ocuparam Roma e trataram da dissolução do governo.

Havendo necessidade de somas elevadas para os veteranos, para o exército e para a guerra, foi decretado o desterro dos senadores e dos cavaleiros mais ricos e o confisco de seus bens; foram estabelecidos também impostos abusivos sobre as propriedades dos cidadãos romanos mais abastados.⁵

O novo governo tomou, então, sua primeira medida: buscou libertar-se dos principais inimigos. O famoso decreto das proscricções foi publicado em 43 a.C. e logo posto em prática. Nas listas das proscricções, estava o nome de Cícero, que Otávio abandonou à vingança de seu atual aliado, Antônio, que incluiu na temida lista o nome do grande orador, e este foi morto.

⁵ SANTOS, 1995: 26.

Os soldados receberam a ordem de assassinar os proscritos em qualquer lugar que estivessem. Os escravos que matassem seus senhores proscritos eram recompensados com a alforria. Eram partilhados os escravos entre os soldados do exército e a população era expulsa de suas casas e de suas terras.⁶

Em janeiro de 42 a. C., César foi aclamado deus. O partido que levava o seu nome apoderou-se de Roma e de toda a sua extensão ocidental. O Oriente, porém, ficava nas mãos de outro partido liderado por Bruto e Cássio, que haviam se unido na Ásia. Ambos esmagavam os países do Oriente com impostos.⁷

Uma investida militar, com numerosa legião, contra Otávio e Antonio estava a se preparar pelos oponentes Cássio e Bruto, entretanto, as legiões romanas, sob o comando de Otávio e Antônio derrotaram as dos rivais em fins de 42 a.C. e estes acabaram por cometer o suicídio.

Após a vitória dos triúmviros sobre os rebeldes Cássio e Bruto, o governo passou a enfrentar uma situação complicada, pois se faziam necessárias a remuneração dos soldados, a satisfação dos veteranos de César, bem como a licença de parte do exército. Era imprescindível estabelecer, sobretudo, a autoridade de Roma no Oriente e a dos três generais na Itália.

O exército foi dividido entre Antônio e Otávio. A investida outrora tentada por César seria executada por Antônio: a guerra contra os partos, povo aqui-rival do Império Romano, que controlou a Mesopotâmia ininterruptamente entre 190 a.C. e 224 d.C.

Por outro lado, decidiu-se que Otávio ficaria com o Ocidente, que constituía a Itália, a Gália e a Espanha. Além disso, com o objetivo de realizar uma redistribuição de terras entre os veteranos, ele também ficou encarregado da guerra contra Sexto Pompeu, que tinha se tomado conta da Sicília.

Após a vitória de Filipos, Otávio executou uma política de proscricões e de confiscos como recompensas aos soldados; além dos bens dos proscritos, repartiu entre eles os bens dos habitantes de dezesseis das maiores cidades italianas. De acordo com DIAKOV, o resultado destas medidas foi uma crise econômica gravíssima na Itália. Os mais abastados nutriam extremo ódio por Otávio.⁸

⁶ SANTOS, 1995: 26.

⁷ SANTOS, 1995: 26.

⁸ DIAKOV, 1965: 297-298 *apud* SANTOS, 1995: 27.

Os triúnviros repartiram, entre os veteranos, terras na Gália Cisalpina, Cremona e também o território de Mântua, o que atingiu a propriedade do poeta Vergílio. No outono de 41 a. C., Vergílio, Horácio e Propércio foram vítimas dessas espoliações.

Asínio Polião, entretanto, conseguiu obter para Vergílio a revogação da expropriação, intercedendo, talvez, junto a Otávio.⁹ Este acontecimento é mencionado na I *Bucólica*. Já na IX *Bucólica*, Vergílio relata a violência sofrida por parte do exército, que se apoderou de seu domínio em Mântua.

Em virtude das expropriações, Roma passou a atravessar momentos de muita agitação pela insatisfação do povo atingido por elas. Otávio, por sua vez, buscava cumprir as promessas por meio do confisco dos bens dos adversários nas guerras e também dos cidadãos, lavradores, proprietários da Itália e algumas províncias.

Em meio a toda essa situação na Itália, Antônio encontrava-se ao lado de Cleópatra em Alexandria. Lá passou o inverno de 41-40 a. C. A pretensão da rainha do Egito era unir-se a Antônio por um casamento e mudar para Alexandria a sede do Império, isto significa que ela não desistira do plano já tentado com César, Antônio por sua vez objetivava concretizar o plano, outrora de César, contra os partos.

Os exércitos, por meio de imposições, delegaram poderes a Mecenas e a Polião para concluírem um acordo entre os triúnviros. O primeiro, como representante de Otávio; o segundo, de Antônio.¹⁰

O acordo concretizou-se em Brindes, onde foi renovado o pacto entre os triúnviros e a paz foi selada com um matrimônio: Antônio casou-se com Otávia, irmã de Otávio, pois Fúlvia, sua primeira esposa, havia falecido. Nessa atmosfera, Vergílio compôs as *Bucólicas*, contribuindo para a esperança de paz que se anunciava em todos os espíritos.¹¹ A "paz de Brindes" parecia ser o início de um período de prosperidade. O evento coincidiu com o consulado do protetor de Vergílio: Polião, que havia servido a César.

Diante da iminência de nova guerra civil, Otávio e Antônio, por intervenção de Polião, o qual exerceu o consulado até algumas semanas antes do fim deste mesmo ano, conciliaram-se mais um a vez e renovaram sua aliança, visto que não só os soldados, mas também o povo romano já não suportava mais as intrigas e incertezas quanto à relação dos triúnviros.

⁹ SANTOS, 1995: 27.

¹⁰ SANTOS, 1995: 29.

¹¹ SANTOS, 1995: 30.

O sucesso da diplomacia de Polião entusiasmou Vergílio, que compôs nesta ocasião a IV *Bucólica*, dedicada ao cônsul. Vergílio dizia que o consulado de Polião inaugurava uma nova Idade de Ouro. A paz de Brindes, em 40 a. C., parecia reconciliar Otávio e Antônio.¹²

O estabelecimento da paz parecia concreto, mas não o era. Antônio, que permanecia na Itália, mantinha as intenções voltadas para o Oriente.

Esta paz de Brindes era notoriamente instável e, por isso precisava de novos acordos e formulações. Mecenas, em 37 a. C., dirigiu-se a Brindes, munido de poderes concedidos por Otávio. Em sua companhia estavam os poetas Vergílio e Horácio o qual, como registro da viagem, escreveu a 5ª Sátira do livro I. O objetivo da intervenção de Mecenas em Brindes era o de recrutar Antônio para o auxílio na luta de Otávio contra Pompeu.

Vergílio tornou-se amigo e protegido de Mecenas. Em 37 a. C., quando Mecenas foi a Tarento para encontrar-se com Antônio, Vergílio o acompanhava com outros poetas. Esse relacionamento entre os amigos começara havia certo tempo, pois, como o próprio Horácio informou, Vergílio havia apresentado-lhe Mecenas, aproximadamente em 38 a. C.¹³

Foi em meados desta época que Varrão publicou o seu tratado *De re rustica*, em 37 a.C.. Vergílio, impulsionado pela recordação dos que sofreram espoliações assim como ele, dotado de extremo apego à natureza e aos assuntos campestres e, além disso, empenhado em fazer reviver o equilíbrio moral perdido, iniciou a composição das *Geórgicas*.

Depois da vitória contra Pompeu, Otávio, retornando a Roma, passou a adotar algumas medidas que, segundo SANTOS,¹⁴ seguiam o caminho da moderação e da parcimônia. Quais sejam: a anistia fiscal, a supressão de alguns impostos, a devolução de poderes usurpados a diversos magistrados. Sendo assim, procurou também evitar novos confiscos de terras. Nessa época, declinava o poderio dos triúmviros, em relação ao qual o descontentamento da opinião pública era perceptível.

As *Geórgicas*, o que é um consenso entre os biógrafos de Vergílio, foram compostas no período compreendido entre os anos de 37 a 30 a. C., cujo término deu-se com a vitória de Otávio sobre Antônio, na batalha do Ácio.

¹² SANTOS, 1995: 30.

¹³ SANTOS, 1995: 31.

¹⁴ SANTOS, 1995: 33.

A aliança com Marco Antônio foi sempre duvidosa e incerta. Antônio preparava-se para a campanha contra os partos. Necessitava, para isto, de homens, de dinheiro e de armas. Procurou, então, uma aliança com o Egito, país mais rico do Oriente. Devido às necessidades da guerra, Antônio aceitou desposar Cleópatra para tornar-se rei do Egito, segundo o consentimento da rainha.¹⁵

Otávio, por outro lado, procurava reconciliar-se com a tradição latina, enquanto Antônio não abandonava seus projetos orientais, submetendo-se cada vez mais aos planos de Cleópatra.¹⁶

Otávio incentivou um conflito entre Antônio e o Senado, favorecido principalmente pela reprovação da opinião pública em relação às investidas dele no Oriente.

No que diz respeito ao destino de Roma, afirma SANTOS:

A sorte do mundo romano seria decidida entre Marco Antônio, no Oriente, e Otávio, no Ocidente. O primeiro era um instrumento da ambição de Cleópatra, o segundo preparava habilmente seu futuro triunfo. Assim, Otávio provocou a guerra de Roma contra Cleópatra. (...) Em Ácio, as forças do Oriente e do Ocidente se encontraram. Ficou indecisa a batalha naval em 31 a. C., todavia Otávio obteve a capitulação das legiões e navios adversários, porque Cleópatra retirara-se precipitadamente seguida por Marco Antônio.¹⁷

O Egito foi conquistado. Otávio sitiou Alexandria, onde Antônio encontrava-se refugiado com Cleópatra, apossando-se da cidade. Antônio procurou, tardiamente, negociar a paz, mas já não era possível. Considerando-se perdidos, Marco Antônio e Cleópatra suicidaram-se e o Oriente ficou sob o poder de Otávio, único senhor de Roma.

O templo de Jano foi, então, fechado, visto que as guerras haviam terminado. Otávio iniciaria então a sua política de reordenação do Estado e consolidação da paz.

A elaboração das *Geórgicas* foi lenta e, portanto, atravessou um período marcado por diversos eventos importantes. É possível afirmar que foi da batalha de Filipos até a de Ácio. Combinam-se, assim, na obra, elementos até certo ponto contraditórios, como no final do livro I, o horror pelo assassinato de César e a angústia

¹⁵ SANTOS, 1995: 33.

¹⁶ SANTOS, 1995: 34.

¹⁷ SANTOS, 1995: 35.

das guerras civis; e, no próêmio do livro III, o destaque ao espírito de paz e esperança que o tempo de augusto anunciava.¹⁸

Roma havia sido quase destruída pela guerra civil durante um século marcado por inúmeras disputas políticas. O termo destas disputas culminou na queda do Segundo Triunvirato que chegou, então, ao fim com a derrota de Marco Antônio na Batalha do Ácio (31 a.C.).

Otávio, tendo tomado posse das províncias orientais e retornando vitorioso à metrópole, assumiu o poder político, foi nomeado *princeps* em 27 a.C. pelo Senado Romano e recebeu o título de *augustus*.

O Século de Augusto

De acordo com Pierre Grimal:

“O epíteto de Augusto era um velho termo do ritual que exprimia o caráter ‘feliz’ e fecundo da própria pessoa de Otávio. O termo, aparentado com o termo religioso *augur*, significava que o novo senhor tinha o poder divino de começar tudo sob felizes suspícios”.¹⁹

Augusto assumiu a tarefa de presidir a política expansionista de uma Roma já “Senhora do Mundo” em termos territoriais e que caminhava a passos largos em direção ao desenvolvimento econômico. Ele percebia a necessidade de reordenar Roma e manter aquele Império que havia conquistado.

Além disso, os 47 anos, aproximadamente, do Principado²⁰ caracterizaram um período de profundas tentativas de transformações da então decadente postura moral romana. O Imperador buscou impulsionar, sobretudo, um movimento de retorno e de revalorização das tradições e dos antigos valores éticos e religiosos do povo romano.

Neste contexto de profundas modificações, sobretudo no que tange ao âmbito social e de resgate dos “valores espirituais perdidos num momento de crise gravíssima do mundo romano”,²¹ a produção literária alcançou grande prosperidade favorecida pela *pax romana* estabelecida por Otávio.

¹⁸ SANTOS, 1995: 37.

¹⁹ GRIMAL, 1984: 51.

²⁰ Principado foi o nome dado à forma de governo cujo líder era o *princeps*, isto é, o primeiro, o principal.

²¹ PARATORE, 1938: 393.

A *pax romana*, como parte da reforma que se estava por realizar, firmou-se não só como ideal do Imperador, cuja autoridade estava plenamente garantida, mas como um ideal que impulsionava o trabalho, o progresso, a ordem e as boas virtudes em todo o mundo romano. A própria figura de Otávio, favorecida pelos bons presságios, materializava a grandiosa e promissora restauração de Roma em todos os âmbitos.

Augusto foi um grande incentivador das artes e, principalmente, das Letras em Roma, seja porque realmente as amasse, seja porque poderiam servir de meios para atingir seus intentos políticos ²² bem como sua proposta de restabelecimento do *mos maiorum*, ²³ em consonância com os objetivos maiores do Império.

Ele construiu e restaurou templos e locais para exibição de espetáculos, que serviram não só para ampliar o acervo arquitetônico, mas também para o desenvolvimento do plano cultural. Em virtude deste grande incentivo, o *Século de Augusto* foi muito próspero e de muitos talentos criadores. Foi considerado o período áureo da literatura, em especial da poesia latina, uma vez que foi o momento em que desabrocharam em sua plenitude os gêneros épico e lírico.

O classicismo latino, inaugurado na Antiguidade, ainda na Renascença, mil anos depois, estaria florescendo. A literatura latina, inicialmente, influenciada pelos modelos gregos, adquiriu independência e se tornou uma das mais brilhantes do mundo ocidental.

²² CARDOSO, 1989: 62.

²³ A expressão define-se como a manutenção e preservação dos costumes dos antepassados. Princípio muito valorizado pelos romanos.

3- A LITERATURA LATINA

Inicialmente, é imprescindível, aqui, traçar um breve panorama da influência grega sobre a produção literária romana.

Sabe-se que o auge do desenvolvimento artístico e cultural, sobretudo literário, em Roma deu-se a partir do contato com os gregos após a conquista de Tarento em 272 a.C., que deu início a uma nova era, a do helenismo em Roma, isto é, da influência da cultura helênica, mais desenvolvida no que concerne às artes em geral, sobre a cultura romana, embora desde sempre tenham existido, em Roma, manifestações artísticas diversas e ainda bastante primitivas.

Esta influência grega foi, de tal modo, importante e decisiva, que o grande marco do surgimento da literatura latina foi a tradução para o latim da *Odisséia* feita por Lívio Andronico, por volta de 250 a. C. A partir de então todos os textos literários produzidos pelos autores latinos eram baseados nos modelos gregos já aclamados.

Assim, Roma assistiu à difusão do **gênero dramático**, com o surgimento do teatro que, também realizado por Andronico, foi inspirado na comédia nova grega, além de ter recebido a influência dos elementos musicais e gestuais próprios das primitivas manifestações dramáticas romanas, do **gênero épico** e do **gênero lírico**, que alcança o apogeu no século de Augusto, conhecido como o período áureo da poesia lírica, quando a língua latina já se encontra habituada a dar conta de exprimir a linguagem poética. Todos estes gêneros eram, em princípio, baseados no cânone grego.

Foi durante o governo de Augusto, portanto, que a produção literária romana consolidou-se e atingiu o seu auge, atribuindo à língua latina o *status* de “língua de cultura”,²⁴ paralelamente ao grego.

3.1- A literatura latina na *Época de Augusto*

A literatura produzida durante o século de Augusto deve grande parte de seu esplendor a poetas contemporâneos como Vergílio e Horácio, os precursores latinos destes novos e produtivos tempos que se anunciavam no mundo das belas letras. As formas poéticas desenvolvidas por eles e dotadas de profundo teor lírico foram: a poesia pastoril e a ode.

O próprio Augusto, embora fosse declaradamente amante das letras - tanto que incentivara os círculos literários, dentre os mais famosos destacam-se os de Polião,

²⁴ FARIA, 1984: 42.

Mecenas e Messala - tinha consciência, acima de tudo, que, por meio da literatura, poderia ser dada voz às suas idéias de resgate dos antigos costumes.

O campo deveria ser exaltado, o espírito nacional romano fomentado e, para tanto, era necessário que a literatura fosse mais uma colaboradora da idéia a ser divulgada. Os poetas deveriam compartilhar desses valores, e serem gênios sensíveis e capazes de embelezarem Roma com um monumento literário.

A respeito da contribuição desses primeiros poetas do século de Augusto, como Vergílio e Horácio, declara LEONI:

“Antes de serem os escritores de Augusto, eles tinham sido as personagens humanas de uma humana tragédia: muito moços para serem protagonistas das lutas civis, tinham tido, todavia, uma mocidade atormentada; por isso eram os mais aptos a compreender as idéias e os incitamentos de seu coetâneo, ao qual a sorte dera o encargo de reconstruir a potência de Roma. Nem tampouco Augusto podia impor-lhes, mas somente pedir-lhes uma colaboração. É mister afastar essa lenda criada por críticos pobres de psicologia: Augusto não impõe a Vergílio escrever as *Geórgicas* e a Eneida, nem a Horácio compor as Odes. Essas obras nascem da intuição dos poetas, de um espírito de cooperação mútua, de uma necessidade moral que supera todas as imposições materiais. O momento era propício; e todos compreendiam a nova atmosfera que se vinha criando, todos de esforçavam para criar os benéficos efeitos da renascença”.²⁵

Outros autores posteriores a Vergílio e Horácio, não menores em importância, que emergiram neste cenário poético foram os poetas Tibulo e Propércio e o poeta Ovídio, notável pela versatilidade, frutos dos já mencionados anos áureos da poesia latina e que introduziram a poesia elegíaca em Roma.

²⁵ LEONI, s.d.: 57.

4- VERGÍLIO: VIDA E OBRA

Publius Vergilius Maro nasceu a 15 de outubro do ano 70 a.C. em Andes, aldeia próxima de Mântua. Pertencia, segundo o consenso dos biógrafos, a uma família de camponeses.

Ainda que a origem simples de sua família sugira que ele tenha realizado atividades rurais, é atestado por GRIMAL que o trabalho material era executado por escravos e a família do *dominus*, como a dele, escapa às contingências impostas pelas diferentes tarefas da vida agrícola.²⁶

Em seu espírito, entretanto, estava enraizada a origem agrícola, sentia-se realmente um "habitante do *ager*" que, vivendo em contato direto com ele, mais do que ninguém conhecia os seus trabalhos e suas provações.

Os primeiros estudos do poeta foram realizados em Cremona, onde aprendeu as letras gregas e latinas bem como as noções de língua e de gramática.

Já em fase adulta, atestada pelo uso da toga viril, Vergílio em Milão foi estudar retórica com a principal finalidade de aprender a exprimir-se e, pelo bom uso da palavra, convencer os outros, para, assim, segundo as ambições do pai, seguir alguma carreira de destaque ou até mesmo alguma magistratura.

Transferindo-se para Roma, o poeta estudou para se tornar orador; no entanto, por experiências não muito felizes no fórum, desistiu desta atividade tomando certa aversão pelo mesmo, classificando-o como "*insanum...forum*".²⁷

Atraiu-o, então, o universo literário, sobretudo, poético e Vergílio apreciou os ideais da poesia neotérica.

Passou, então, a ter contato com a corrente filosófica fundada por Epicuro, que emergia nos âmbitos mais intelectualizados da sociedade romana, por influência grega. Observou-se, por assim dizer, uma certa "conversão ao epicurismo".

Seguir o ensinamento de um filósofo, naquele tempo, era de fato um compromisso que deveria permear todos os aspectos da vida. No caso dos epicuristas, os ensinamentos giravam em torno da prática da sabedoria, visando à fuga das paixões excessivas da vida e do medo da morte. Vergílio parece ter aderido a esta filosofia ainda com pouca idade. A mesma exerceu sobre ele grande influência, que se manifestou em sua alma e, de certa forma, em todas as suas obras.

²⁶ GRIMAL, 1992: 18.

²⁷ *Geo.* II, v. 502.

De acordo com algumas biografias de poetas, ele escreveu outras obras de juventude que precederam as *Bucólicas*. Estes poemas foram reunidos no chamado *Apêndice Vergiliano*, no entanto, os críticos não aceitam como sendo de Vergílio os versos do *Apêndice*.

Vergílio conviveu entre eminentes personagens da sociedade romana, o que pode ser atestado nas *Bucólicas*: Polião, a quem dedicou a quarta e, muito provavelmente, a oitava, com uma alusão na terceira; Alfeno Varo, a sexta, com uma alusão na nona e Cornélio Galo presente na maior parte da sexta e em toda a décima *Bucólica*.

Depois de ter sofrido a expropriação, o poeta foi para Roma, tendo Polião e Cornélio Galo sempre em seu auxílio e, por meio deles, as obras do poeta tornaram-se conhecidas na capital do Império. A compilação das *Bucólicas* foi, então, concluída em 39 a.C. ou talvez em 38 a.C.

Não é possível afirmar o modo como Vergílio tornou-se próximo e protegido de Mecenas. O fato é que em 37 a.C., quando o conselheiro de Otávio foi a Tarento para negociar um acordo com Antônio, Vergílio o acompanhava junto a outros poetas. Em 38 a.C., é possível sugerir que Vergílio já fosse íntimo de Mecenas.

O tratado de Varrão, *De re rustica*, foi publicado nesta época e Vergílio, então, por motivações diversas, as quais serão discutidas a seguir, concebeu as *Geórgicas*.

Versa a tradição que iniciou os trabalhos de composição da *Eneida* imediatamente após a conclusão das *Geórgicas*, ou seja, em 28 a.C., e talvez já no fim do ano 29 a.C.

A *Eneida* possui 9.895 versos e as *Geórgicas*, 2.188, com quatro cantos, consideravelmente menos longos que os doze da *Eneida*. Desta forma, a epopéia "heróica" foi desenvolvida mais amplamente que o poema didático, o que refletiria, portanto, a hierarquia dos assuntos e dos tons correspondentes.

Em 19 a.C., Vergílio empreendeu uma viagem muito desejada. Saiu de Roma em setembro, permaneceu por algum tempo na Sicília, e seguiu depois para a Grécia. Visitou a cidade de Mégara e, durante, a viagem sentiu-se mal e seu estado agravou-se durante a volta à Itália.

Antes de morrer, o poeta, prevendo que o pior aconteceria, pediu aos amigos mais próximos que destruíssem a *Eneida*, pois, segundo ele, a obra estava inacabada, imperfeita.

Os amigos opuseram-se, mas talvez tenha sido de Augusto o maior impedimento da destruição. A *Eneida* obviamente não poderia ser destruída, uma vez que já estava muito conhecida e imortalizada pelos romanos.

Vergílio morreu em Brindisi, em 19 a.C.

Em sua sepultura, foi gravado um dístico cuja autoria a tradição atribuiu-lhe:

*"Mantua me genuit Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope: cecine pascua, rura duces".*

"Mântua me gerou, na Calábria fui raptado à vida;
agora Nápoles me possui; cantei a grei, os campos, os
heróis".

5- AS GEÓRGICAS

A apologia ao trabalho árduo, mas são, e à fé permeia toda a extensão da obra. A respeito desta essência filosófica da obra, são relevantes ainda as seguintes palavras de René Pichon:

“O amor pelo campo, piedade para com a vida dura e o sofrimento de seus habitantes, culto de Roma, fervor por César e por Augusto, todas as inspirações começam a pontuar nas *Bucólicas* e, de agora em diante expandidas, são elas que vivificam a obra”.²⁸

É um consenso dos estudiosos do assunto que a obra teria surgido não só da inspiração poética de Vergílio, mas também seria fruto do engajamento do poeta na política de Augusto, apoiada por Mecenas, cuja intenção seria a de incentivar a restauração da antiga agricultura romana, que se encontrava decadente, e fazê-la ressurgir por meio da valorização e da exaltação.

A agricultura romana prestou-se, como assunto, a vários outros autores latinos, a exemplo de Catão e Varrão em seus respectivos tratados agronômicos *De agricultura* e *De re rustica*. Nestas obras vemos descrita, em prosa, a agricultura romana tal como era no tempo de Augusto.

É possível imaginar que tais textos, mais secos no que concerne à beleza de ornamentos, pode não ter tido uma grande aceitação da intelectualidade da época, em comparação à aceitação que a poesia poderia alcançar.

Vale ressaltar que, aqui, trata-se de uma época em que, em Roma, a cultura e as artes em geral estão em voga, por incentivo do próprio *princeps*, sobretudo no que tange à valorização das belas letras. Não por outra razão, este século foi chamado o período de ouro da literatura e da poesia latina.

A poesia, muito mais agradável, em termos de beleza, aos leitores da época, passa a ser um importante veículo para idéias que precisavam ser divulgadas, idéias científicas, filosóficas, religiosas, dentre outras.

Vergílio, certamente consciente do momento propício para a poesia e da fama que já alcançara com as suas *Bucólicas*, que foram acolhidas em Roma com entusiasmo, entrelaçou magistralmente em um só poema, dividido em quatro cantos, ensinamentos veiculados por um discurso de caráter técnico a respeito dos métodos de cultivo da terra,

²⁸ *apud* VIRGILE, 1968: XV.

próprios dos tratados de agricultura, a passagens nas quais a poesia mostra-se em sua forma mais plena, em um discurso essencialmente poético.

A inserção destas passagens, as quais são chamadas digressões, juntamente à inspiração criadora do poeta, é capaz de unir em uma mesma obra, ainda que esta tenha objetivos didáticos em se tratando de agricultura, beleza e plasticidade das imagens à perfeição formal e destreza no manejo da língua latina.

Não se pode deixar de destacar, contudo, a já conhecida afeição de Vergílio pelo assunto, uma vez que fora oriundo de família campesina. Por esta razão, há teorias que versam em favor da hipótese de Mecenas, tendo percebido tão grande afeto do poeta pelas terras da Itália e pelas *res agricolae*, ter agido, talvez diretamente, no sentido de solicitar a elaboração de um poema que glorificasse aquelas terras e buscasse sanar os males que a assolavam, mobilizando, desta forma, o inconsciente coletivo da sociedade romana.

Ainda sobre a questão da interferência de Mecenas e Otávio na criação poética de Vergílio, outra vertente, contudo, alega que “uma obra de tanta originalidade e vigor não podia nascer senão de inspiração espontânea”.²⁹

A primeira e mais aceita hipótese é abalizada pelo próprio poema no verso 41 do livro III (*haud mollia iussa* – tarefa muito difícil).³⁰ A esse respeito, afirma SANTOS que tal atitude poderia resultar no retorno de milhares de camponeses às suas terras, uma vez que estavam desempregados na cidade. Em decorrência disto, a agricultura, que se encontrava em declínio em virtude das guerras civis, seria restaurada.³¹

É bastante provável que realmente Mecenas tenha dado uma sugestão ao poeta, sendo assim entendido o referido verso como um convite a uma tarefa muito difícil, muito mais do que uma ordem imperativa. Tarefa que teria sido realizada não por obediência de Vergílio, mas sim por deferência.

Seja qual for a interpretação acerca da motivação de Vergílio e da intervenção de Mecenas no ato compositivo do poema, não importando se tenha sido uma ordem, um convite ou até mesmo um conselho, o fato é que a presença de Mecenas nos versos do poeta comprova indubitavelmente, além da estreita relação dos dois, a importância do patrono de Vergílio naquele cenário literário romano.

²⁹ PARATORE, 1983: 385.

³⁰ *Geo.* III, v. 41.

³¹ SANTOS, 1995: 128.

Nas *Geórgicas*, Vergílio une magistralmente a arte apurada à sua capacidade criadora que, certamente, não lhe foi ensinada ou ordenada por qualquer homem. Manifesta-se, claramente, na obra a sensibilidade de um exímio poeta por meio de versos cuidadosamente burilados. É relevante admitir, contudo, que algo que pode ser chamado de dom ou inspiração faz-se necessário para que não se caia na artificialidade.

Vergílio tinha aproximadamente trinta anos ao lançar-se na composição das *Geórgicas*. Independentemente de ter composto sua obra por interesse político ou pessoal, vale destacar que Vergílio vivenciou as experiências do campo e demonstra na obra ter cumprido à risca as principais etapas do processo criador: viver, meditar e formular. Mostra, sobretudo, que estava a contemplar as imagens que desenha por meio da linguagem.

O texto inicia-se por um próêmio, no qual se encontram as divisões do poema de acordo com os assuntos a serem tratados. Em seguida, há uma invocação ritual por vezes retomada ao longo dos outros cantos e, em seguida um esboço do que será abordado no canto I, os elementos principais que fazem parte do ambiente campesino, bem como as descrições das variadas práticas agrícolas.

Estes elementos são a própria natureza, o campo, à espera de ser manipulado, fecundado, o agricultor, consciente da importância e da dignidade de seu trabalho, o animal que, submisso ao homem, coopera com o trabalho, e o arado, um instrumento propiciador da vida.

Verso a verso delinea-se uma idéia para o leitor, segundo a qual somente o *labor*, ainda que este exija esforço, fadiga e seja penoso, fornece à vida harmonia, felicidade e o sustento, longe dos luxos desnecessários e alvos de dor e infelicidade. Esta simplicidade da vida e desapego dos bens materiais são ensinamentos pregados pela corrente filosófica epicurista, da qual encontramos vários vestígios nesta obra.

Ainda no primeiro canto, Vergílio, para exemplificar sua ideologia, fornece uma passagem mitológica de acordo com a qual Júpiter teria imposto aos homens a busca da sobrevivência por meio do trabalho, tendo suprimido as facilidades que a Idade de Ouro proporcionava.

A partir de então, o homem passou a lutar e a descobrir diversas atividades e estratégias, a fim de auxiliá-lo na manutenção da vida. Assim teriam surgido as artes e as ciências em geral, antes dispensáveis em suas vidas.

Passou a estar nas mãos da raça humana a total responsabilidade da sobrevivência, que só estaria assegurada por meio das conquistas do trabalho. Comprova-se assim a máxima, desta obra: *labor omnia uincit*.³²

Segundo POLIT, As *Geórgicas* definem-se como: “El llamamento de la tierra madre, prometedora de regeneraciones morales y de dicha personal por medio del trabajo”.³³

O trabalho, por outro lado, poderia ser derrotado somente pelo amor impiedoso, pela doença ou pela morte. Esta fragilidade do trabalho diante destes acontecimentos próprios da vida é tratada no III canto, o mais pesado e triste do conjunto da obra.

Assim como os animais são acometidos pelas pestes, e pela morte daí decorrente, do mesmo modo, os homens podem ceder ao amor, que, tirânico, os domina e escraviza desafiando a vitória do trabalho. É, então, neste momento da obra, desconstruída a premissa *labor omnia uincit*. Até mesmo no episódio de Orfeu, pertencente ao último livro, o amor triunfa sobre ele e o mata.

Em sentido inverso encontra-se o IV canto da obra, cujo assunto é a apicultura. As abelhas, ao contrário da fragilidade de homens e restantes animais não sucumbem aos referidos males e trabalham sem cessar, demonstrando vontade e organização. Volta Vergílio a revalidar a premissa do *labor omnipotens*, que, para ele é o começo, o início de tudo, não dissociando, mais uma vez, a alegria do esforço e da luta.

Os modelos literários e as fontes dos quais Vergílio bebeu ao compor as *Geórgicas* são as mais variadas possíveis e difíceis de delimitar, uma vez que o poeta realizou a *imitatio* de um modo artisticamente complexo, a ponto de podermos afirmar que nenhuma outra obra da literatura greco-romana deve ser considerada como modelo único ou principal do poema. A natureza desta inspiração vergiliana é variada.

Ainda que alguns poetas antecessores, como Hesíodo, Arato, Nicandro e Lucrécio, também tenham realizado a combinação de preceituação e “literatura”, por assim dizer, eles não podem ser considerados influenciadores diretos, uma vez que tal característica é muito própria da poesia didática tradicional.

A influência de Hesíodo está muito mais no âmbito da intenção, do espírito, tanto que sua presença efetiva como modelo é notável no canto I, no qual são mencionados justamente os tipos de trabalhos rurais e os dias propícios em que devem ser realizados.

³² *Geo.* I, v. 145.

³³ POLIT, 1960: 61.

De Lucrécio, por outro lado, Vergílio tomou o exemplo do entusiasmo na narração, e do fervor na convicção ideológica e filosófica.

Ambos os poetas, contudo, estavam mais comprometidos com a transmissão eficaz de preceitos, ao contrário de Vergílio, como discutir-se-á mais adiante.

5.1 As *Geórgicas* e seu estatuto de poesia didática

Em linhas gerais, para que se estabeleça um determinado tipo textual, é necessário que haja um grupo de textos que compartilhem características semelhantes entre si. Itens genéricos como forma, conteúdo, meio de veiculação e público ao qual é destinado devem ser levados em consideração no momento da composição de um texto, que se pretende pertencente a um tipo textual específico. Tal premissa é condição *sine qua non* para a existência de todo e qualquer gênero textual.

Via de regra, portanto, textos classificados como didáticos devem obedecer a algumas normas compositivas, dispor de elementos básicos para que sejam reconhecidos como tal. Deve-se ressaltar, aqui, o caráter dialógico dos textos, sejam eles orais ou escritos, literários ou não, sem deixar de pontuar que no texto com finalidade didática tal característica apresenta-se mais marcante, em virtude de sua essência pragmática.

Etimologicamente falando, o termo “didático” é oriundo da palavra grega διδακτικόν, cujo significado é “ensinar”.³⁴ Ora, se por meio do texto didático alguém pretende, de alguma forma, ensinar algo a outrem, faz-se necessária, então, a presença de um emissor que ensina, de um conteúdo tido como objeto a ser ensinado, ou seja, o ensinamento a ser transmitido e compartilhado, e de um receptor da mensagem, o destinatário que aprende.

Na tradição literária antiga, entretanto, o gênero didático constituía-se através de características mais específicas e bem definidas. Dentre elas encontra-se, sobretudo, a forma poética, ou melhor, a utilização dos versos da poesia para instruir. Assim, primitivamente, a aprendizagem era facilitada por meio da memorização, na ausência da escrita.

É próprio da poesia, desde as suas manifestações mais primitivas, o objetivo de, imitando a realidade, aconselhar, advertir, impor normas, bem como o de ensinar. Pode-se concluir, portanto, que é fruto da razão, do saber adquirido.

³⁴ PATIN, 1900: 274-275.

Os poetas, por este motivo, já nas sociedades mais antigas, eram considerados professores, os detentores do conhecimento e tinham como principal missão compartilhar seus saberes. A partir destas contribuições, bem como da necessidade de manter viva a memória do passado, nasceu a poesia didática, que objetivava inicialmente a transmissão do conhecimento.

Este tipo de poesia praticada por diversos outros autores antes de Vergílio e, até mesmo, antes dos poetas latinos, o que remete suas origens à Grécia antiga, como praticamente toda a literatura latina clássica, tendo sido Hesíodo o primeiro representante.

A onipresença da postura de ensinamento, o tratamento de temas técnicos ou científico-filosóficos, a voz de um *magister* didático e a evocação da presença dos *discipuli* são as principais características internas, além da freqüente evocação dos poetas aos seus antecessores que lhes serviram como fonte de inspiração.³⁵

Assim, Vergílio seguindo a tradição faz menção a Hesíodo, prestando-lhe tributo. A esse respeito comenta DALZELL:

“Havia códigos literários que marcavam essa distinção genérica. O mais óbvio deles era recorrer à autoridade de Hesíodo, o “prôtos heurêtês” do gênero. Arato é louvado por Calímaco por seguir o tema e o modo de Hesíodo (Epigr. 29.1). Virgílio descreve as “Geórgicas” como o “canto de Ascra” (2.176), e suas palavras são posteriormente ecoadas por Columela (10.436). Nicandro invoca o testemunho de “Hesíodo de Ascra” perto do início de seu poema sobre serpentes venenosas. Era uma prática comum entre os poetas latinos indicar suas filiações literárias no início das obras com um aceno cordial para seus predecessores”.³⁶

Outro recurso formal inerente a este tipo textual é a elevação, por meio das digressões que receberão mais atenção nas páginas seguintes, de um assunto de maior complexidade de cunho ético-moral em detrimento, por vezes, da explanação e descrição de técnicas agrárias. Assim também Hesíodo agiu, sendo, em *Os trabalhos e os dias*, o precursor do gênero didático.

³⁵ TREVISAM, 2006: 140.

³⁶ DALZELL, 1996: 21-22 *apud* TREVISAM, 2006: 149.

Ainda a respeito das semelhanças e diferenças entre os dois poetas, afirma TREVISAM:

“Assim, Virgílio, tributário do poeta grego num ponto tão importante quanto a adoção do mesmo “ambiente” rural (com sua indelével aura de tradicionalismo) e, em se tratando ele de ninguém menos que o “fundador” do gênero didático, por manter traços formais como as digressões, o metro e a variação de modo e “tom” expositivos, diferencia-se do mestre ao favorecer de uma maneira jamais vista antes a dispersão ideológica dos temas abstratos”.³⁷

No que tange este aspecto da análise, do significado das *Geórgicas*, sua categorização como poema didático e sua finalidade instrutiva e pragmática, cabem algumas indagações e considerações.

Teria realmente Vergílio, assumindo o papel de *magister*, o objetivo de reunir informações técnicas e, assim, produzir um manual de agronomia? Intentou fornecer ao “leitor”, o *discipulus*, o modo como o trabalho rural deveria ser realizado? Há ainda um outro aspecto da análise: qual seria realmente o público alvo deste texto? Os agricultores romanos?

No intuito de responder a estes questionamentos, deve-se inicialmente levar em consideração que o destinatário do texto, por razões óbvias, não é o homem rural, aquele que, supostamente munido dos ensinamentos que constam na obra, manipulará a terra, cuidará dos animais etc.

Isto porque, em primeiro lugar, o grau de instrução que a leitura, ainda que descompromissada, de uma obra da complexidade das *Geórgicas*, em nível semântico e sintático, exige é considerável, não deixando de corroborar ainda o fato de haver um alto índice de analfabetismo em Roma quando da publicação da obra.

Obviamente Vergílio sabia disso. Tinha consciência de que seu texto circularia e obteria sucesso entre as camadas mais intelectualizadas da sociedade romana e, além disso, que seus “ensinamentos” agrários não seriam de muita valia para aqueles que os lessem.

É possível concluir, desta forma, que se distinguem, portanto, os papéis de *discipulus* e do público alvo. Nesta perspectiva, o primeiro é o destinatário aludido internamente na obra, aquele ao qual se dirige o *magister*, transmitindo, ainda que teoricamente, os ensinamentos. Por outro lado, o público-alvo é constituído pelos

³⁷ TREVISAM, 2006: 155.

leitores e apreciadores deste tipo de poesia, os homens cultos do tempo do poeta, como, por exemplo, os frequentadores do círculo literário de Mecenas, do qual o poeta também fazia parte.

Esta questão, caso analisada sob um olhar até certo ponto genérico, iniciaria, então, certa desconstrução daqueles elementos imprescindíveis a um texto que se propõe didático: o *magister* de preceitos agrônômicos, e o *discipulus*, receptor direto e mais interessado destes preceitos. A relação professor x aluno não se comprovaria, de acordo com este modo de observar a questão. Mais uma vez: **O poema deixaria de ser didático?**

O que dizer, então, a respeito dos conteúdos, dos ensinamentos ali presentes? Se, por um lado, o emissor da mensagem apenas “finge” ter o objetivo de ensinar e, por outro, o receptor não busca um aprendizado técnico específico ao tomar contato com a obra, quais seriam, então, as razões de existir das instruções técnicas criadas por Vergílio?

Com um olhar mais atento, analisando mais profundamente a construção poética de Vergílio, é válido afirmar que Vergílio produz, sim, uma relação de ensino x aprendizagem entre professor x aluno, todavia sem deixar jamais de ser poeta. Há uma voz (eu-lírico) que emana do texto com fins educativos, sob a máscara do *magister*. O receptor, por sua vez, pode ser observado em dois planos distintos.

Isto significa dizer que coexistem na obra um destinatário imaginário, interno à obra, e um destinatário real, externo à mesma. Eis aqui um recurso muito próprio da poesia didática antiga. O “tu” que ouve a mensagem, ainda que se constitua de duas naturezas distintas (interna e externa), necessariamente torna-se um só sob a máscara de “aluno”, quando o *magister* a ele se dirige.

Esta relação, professor x aluno se dá em um nível fictício, uma espécie de fingimento de aprendizagem, muito própria dos poetas, já que ele, em sua essência, é **um fingidor.**³⁸

Esta hipótese do fingimento pressupõe que Vergílio não estava tão comprometido com a transmissão correta de preceitos, mas sim com o fazer poético em si, já que sabia das exigências de seus reais leitores.

Torna-se ainda mais contundente quando se percebe a maneira extremamente elaborada com que o poeta trata os seus assuntos rurais, bem como pela preocupação na

³⁸ PESSOA, *Autopsicografia*. v. 1.

seleção destes assuntos, isto é, uma abordagem mais sistemática de alguns e supressão de outros.

São suprimidas, por exemplo, lições sobre a criação de porcos, a suinocultura, atividade de extrema relevância, uma vez que era dela que se extraía a maior parte da carne animal para o abastecimento de Roma.

O poeta abstém-se deste tema, talvez por ser um assunto dificilmente tratável com sutileza pela linguagem poética ou supor que não seria conveniente inserir um assunto “banal”, até mesmo pelas próprias características destes animais não condizerem com a beleza e, sobretudo, nobreza do texto poético.

Não combinaria principalmente inserir tal tema no livro III, dedicado exclusivamente aos animais, pela seriedade e tragicidade impressas nesta parte da obra, uma vez que relata o sofrimento oriundo da peste e do amor, que igualmente acometem animais e homens, respectivamente.

Por outro lado, a criação de cavalos recebe maior atenção, mesmo não sendo a atividade rural mais importante, pois não se deve afirmar que era uma atividade tão própria da realidade do ambiente campesino, mas sim urbano.

Pode-se dizer, contudo, que constitui um tema mais propício ao poético, um tema mais nobre, na medida em que é associado às próprias características de nobreza, vigor e força destes animais.³⁹

Conclui-se, portanto, que a função informativa do texto não se ausenta, bem como o seu caráter didático. A literariedade da obra, entretanto, sobressai-se pela habilidade do poeta que, sempre engajado em sua elaboração ficcional de postura educativa, narra, descreve, “ensina” as diversas atividades rurais, ainda que simples ou cotidianas, sem cair na linguagem puramente referencial.

É um *magister*, mas, antes de tudo, um poeta, mais preocupado em tornar o texto agradável ao gosto do leitor do que comprometido com a realidade pura. Pelo contrário ele pratica a seu bel prazer os mais variados recursos que a língua poética pode proporcionar. A atitude instrutiva é suplantada pela compositiva, isto é, a obra se nos mostra em todo momento uma obra de poesia que objetiva muito mais encantar os leitores reais do que instruir os agricultores.

O som, o ritmo, as metáforas, as comparações e as criativas combinações de termos e imagens conjugam-se ao longo do texto para “imitar” a realidade

³⁹ TREVISAM, 2006: 159.

aperfeiçoando-a, embelezando-a, a fim de surpreender e aguçar a imaginação do leitor, tal como se constituía a *imitatio*.

Seguindo mais uma vez a filosofia epicurista ao adotar a *preciosa mediania* como elemento norteador, o poeta une, na medida certa, o técnico e utilitário ao poético. As descrições de técnicas e preceitos, ainda que se caracterizem como um tema árido do ponto de vista poético, não ficam, de forma alguma, desvinculadas da beleza da poesia. Por meio do trabalho semântica e linguisticamente minucioso são produzidos significados que vão além do simples sentido utilitário da preceituação.

As *Geórgicas*, ao serem lidas superficialmente, podem parecer um mero intento instrutivo do tema rural. Vale ratificar, contudo, que uma leitura menos ingênua proporciona o vislumbramento de uma obra de alcance muito maior.

Cabe reiterar que ela segue estruturalmente o modelo tradicional do gênero. Apresenta os três elementos fundamentais para que o gesto didático de fato se realize - *magister*, *discipulus* e matéria – sem uma preocupação com a eficácia da “aula”, possui o tema rural em sua superfície e vincula aspectos éticos, morais e religiosos, assim como também o fez Hesíodo.

Cabe aqui uma advertência quanto à categorização fixa e absoluta de uma obra de significados múltiplos como as *Geórgicas*. A intenção é, por outro lado, discutir prováveis modos de análise levando, em consideração o modelo deste tipo textual e sua incidência ou não na obra.

5.2- As digressões

As *Geórgicas* consistem em um poema escrito em versos hexâmetros, dividido em quatro livros, ou cantos, que tratam das atividades que o universo rural envolve, quais sejam: do cultivo da terra, dos vegetais, a vinha em especial, dos animais e da criação das abelhas, respectivamente.

Um recurso, anteriormente mencionado, utilizado por Vergílio, ao qual Hesíodo também por vezes recorrera, consiste basicamente na inserção de passagens que destoam das longas preceituações, isto é, fogem do tratamento puramente técnico das atividades rurais. Tais passagens são as já mencionadas digressões.

A presença destes trechos de outra natureza, por assim dizer, também gera controvérsias quanto à finalidade dentro do contexto das poesias denominadas didáticas, bem como quanto à manutenção ou o abandono da função instrutiva. De acordo com MARTIN & GAILLARD, elas figuram na obra por elas mesmas e não possuem nada de didático.⁴⁰

Atualmente, todavia, procura-se considerar que, ainda que estas passagens não veiculem preceituação técnica e científica, não estão desprovidas de ensinamentos filosóficos adquiridos e cuja experiência que o *magister* busca fornecer aos *discipuli*.

Sendo assim, é válido afirmar que a inserção de narrativas míticas, fábulas e elogios diversos compartilham do objetivo principal da poesia didática, o de instruir, e de modo algum se afastam dele. Caso contrário, seria o mesmo que afirmar que estas seriam partes tão somente alegóricas, cujos temas seriam aleatoriamente selecionados e abordados, com vistas a ornamentar um texto seco, sem atrativos e beleza poética.

Nas *Geórgicas*, uma digressão pode não somente ilustrar com belas imagens um determinado momento em que a abordagem do tema rural parece exaurir-se, como também expor temas outros, mais abstratos, calcados em conceitos universais, de fundamental importância não apenas para o imaginário da sociedade romana antiga, como também do interesse das sociedades de qualquer época.

Além disso, o poeta, ao organizar a inserção destas digressões na obra, procedeu de modo magistral. Este recurso, classificado como *uariatio*, pode ser melhor elucidado pelos seguintes termos:

⁴⁰ MARTIN & GAILLARD, 1981: 207-208.

“Vergílio elige de uma maneira inacessível al análisis cuándo presentar la digresión artística de una manera formal y claramente delimitable, cuándo elaborarla como una transición entre contenidos preceptísticos, cuándo hacer difuminar o hacer imperceptible la distinción entre los elementos constitutivos del poema”.⁴¹

As considerações sobre valores éticos, morais, bem como as reflexões acerca da existência, fé, trabalho, esforço, persistência, bravura, recompensa e mérito enriquecem a obra no nível semântico, exigindo que o leitor perceba que o sentido geral e uno da obra não se resume a uma simples transmissão de ensinamentos agrônômicos.

Na obra, as digressões encontram-se assim divididas, como observa La Penna:⁴²

LIVRO I: Cereais

118 a 159: digressão: A teodicéia do trabalho.

231 a 258: digressão: A origem do Calendário.

LIVRO II: Plantas

136 a 176: digressão: Os elogios à Itália.

315 a 345: digressão: Os elogios à primavera.

458 a 540: digressão: Os elogios à vida agreste.

LIVRO III: Animais

205 a 283: digressão O Amor.

470 a 566: digressão: A peste no Nórico.

LIVRO IV: Abelhas

116 a 148: digressão: O velho de Córico.

315 a 558: digressão: O mito de Aristeu e de Orfeu.

⁴¹ CODONER, 1997: 169.

⁴² LA PENNA, 1988: 103-104 *apud* SANTOS, 2007: 21.

6- O II CANTO DAS *GEÓRGICAS*

O II canto, foco do presente trabalho, é ornado por três belíssimas digressões, as quais prestam louvores a três importantes elementos: à Itália, à primavera e à vida agreste.

Em um primeiro momento será comentado o tema do canto II, bem como os 16 versos iniciais do livro. Posteriormente, com base no texto latino e sua tradução, abordar-se-á cada uma das referidas digressões, separadamente, sob uma ótica estilística e literária, a fim de compreender a construção de seus sentidos dentro da obra.

O tema central do II canto das *Geórgicas* é a arboricultura, o cultivo dos vegetais e, em especial, da vinha. Por este motivo, a figura mitológica à qual o poeta alude logo no início é o deus Baco.

O autor descreve, inicialmente, as maneiras pelas quais esses vegetais podem germinar, crescer, seja naturalmente, seja artificialmente, pela intervenção do trabalho do agricultor.

Não é qualquer tipo de árvore que é capaz de ser produzido na terra. Em se tratando da Itália, contudo, o poeta alega que nenhum outro lugar é tão produtivo e fecundo. Já rica, ainda mais sendo favorecida pelo árduo trabalho de seu povo.

Vale ressaltar que, ao longo de toda a obra, há momentos em que o poeta evoca a Natureza e os entes supremos que, de alguma forma, nela estão presentes. Destaca-se, aqui, em especial, a divindade aludida nesta passagem, o deus Baco, deus do vinho e, em decorrência disso, da liberação e do delírio.

A videira, planta cujos frutos, quando fermentados, dão o vinho, tornou-se a planta sagrada do deus quando ele, já adulto, descobriu seu uso. O poder de Baco era enlouquecer, principalmente, as mulheres que, durante as Bacanais, festas em sua honra, “eram tomadas por um delírio místico e percorriam os campos emitindo gritos rituais”.⁴³

As cerimônias báquicas de cunho, essencialmente, licencioso e orgiástico eram praticadas entre as camadas mais populares de Roma e das demais cidades da Itália e, em 186 a.C., o Senado, numa tentativa de difundir e instaurar o pudor na sociedade, proibiu sua realização por meio do *Senatus Consultus Bacchanalia*.

Todavia, provavelmente, César teria autorizado este culto e, mesmo em época de proibição, ele não deixou de ser praticado.

⁴³ GRIMAL, 1992: 122.

A crença no deus se fez sentir ainda sob o período de Otávio, como podem exemplificar os versos de Vergílio:

*Hactenus aruorum cultus et sidera caeli:
nunc te, Bacche, canam, nec non siluestria tecum
uirgulta et prolem tarde crescentis oliuae.
huc, pater o Lenaeae (tuis hic omnia plena
muneribus; tibi pampineo grauidus autumnno
florete ager, spumat plenis uindemia labris),
huc, pater Lenaeae, ueni nudataque musto
tinge nouo mecum decreptis crura coturnis.
Principio arboribus uaria est natura creandis.
Namque aliae nullis hominum congentibus ipsae
sponte sua ueniunt camposque et flumina late
curua tenent, ut molle siler lentaeque genistae,
populus et glauca canentia fronde salicta;
pars autem posito surgunt de semine, ut altae
castaneae nemorumque Ioui quae maxima frondet
aesculus atque habitae Graeis oracula quercus.⁴⁴*

Tradução:

Até agora, o cultivo dos campos e os astros celestes:

Agora, Baco, (eu) te cantarei, e também contigo as moitas silvestres e os frutos da oliveira que cresce vagarosamente.

Vem para cá, ó Pai Leneu (aqui todas as coisas estão repletas com os teus presentes; o campo carregado (grávido) com o pâmpano (ramo da videira) de outono floresce em tua honra, a vindima espuma com as bordas cheias).

Vem para cá, ó Pai Leneu, vem e, tirados os coturnos, mergulha comigo as pernas nuas no novo vinho doce.

⁴⁴ *Geo.* II, v. 1-16.

No princípio, a natureza nas árvores que devem reproduzir é variada.

Na verdade, umas, sem nenhuma interferência dos homens, elas mesmas crescem espontaneamente e ao longo dominam os campos e os rios sinuosos, como o vime flexível e as giestas maleáveis, o choupo e o salgueiro esverdeado de (com) folhagem esbranquiçada; por outro lado, uma parte delas surge de uma semente depositada, como as altas castanheiras e o enorme carvalho (ésculo) dos bosques que floresce em honra de Júpiter e os carvalhos conhecedores de oráculos, segundo os gregos (...)

O poeta inicia o livro II retomando o assunto do I: a lavoura, o cultivo dos cereais e a meteorologia.

Em seguida, anuncia a sua proposta: louvar Baco, explicitada na forma verbal *canam* (*cano*, *-is*, *-ere*) cuja raiz é a mesma do verbo *canto* (*-as*, *are*). Os dois verbos, entretanto, distinguem-se semanticamente pelo fato do verbo *cano* significar não só cantar no sentido que hoje nos é conhecido, mas também “celebrar”, “anunciar” e por que não “louvar”?

A louvação é reiterada pelo uso do vocativo *Bacche*, cuja função é invocar a presença do deus durante esse ato. Acrescente-se a isso a posição do verbo *canam*, em destaque, justamente no meio do verso. Paralelamente, no verso 1, com o uso do particípio *cultus* (verbo *colo*), Vergílio reafirma a sua proposta de cultuar, louvando o deus. Segundo o Dicionário etimológico Ernout-Meillet,⁴⁵ o verbo *colere*, quando está relacionado a alguma divindade, designa o culto e as honras a ele prestadas pelos homens.

A seguir, o uso repetido do advérbio *huc* e ainda o imperativo *ueni* (de função apelativa) quase que exigem a presença do deus para o cumprimento do ritual (v. 7 - 8), porque toda a natureza está pronta para recebê-lo e floresce em sua honra (v. 4 - 6).

A partir daí o poeta trata da variedade da reprodução das árvores na natureza. Umas nascem e crescem por si só:

⁴⁵ Ernout-Meillet, 1967: 132

*Namque aliae nullis hominum cogentibus ipsae
sponte sua ueniunt.*⁴⁶

Na verdade, umas, sem nenhuma interferência dos homens, elas mesmas crescem espontaneamente.

Outras precisam necessariamente das mãos do homem:

*pars autem posito surgunt de semine.*⁴⁷

Por outro lado, uma parte delas surge de uma semente depositada.

Em seguida, o poeta discorrerá a respeito da origem e da evolução das árvores e das plantas, além de incitar os agricultores a aprenderem os procedimentos da cultura, próprios a cada espécie.

É importante sublinhar uma explícita referência a Mecenas nos versos 39 - 41, ao qual o poeta dedica a sua glória, mais uma vez reiterando a proposta *in honorem Maecenatis* da obra. O poeta invoca a presença do patrono:

*"Tu que ades inceptumque una decurre laborem,
o decus, o famae merito pars maxima nostrae,
Maecenas, pelagoque uolans da uela patenti".*⁴⁸

Aproxima-te, Mecenas, tu que é o meu decoro (a minha honra), vai junto comigo neste trabalho, ó parte máxima de nossa fama (glória) merecidamente.

⁴⁶ *Geo.* II, 10-11.

⁴⁷ *Geo.* II, 14.

⁴⁸ *Geo.* II, 39-41.

6.1- As digressões do II canto das *Geórgicas*

6.1.1- Elogios à Itália

Não por acaso, a primeira digressão deste canto das *Geórgicas*, constituída pelos versos 136 a 176, mostra-se um belo e entusiasmado louvor à Itália:

*Sed neque Medorum siluae, ditissima terra,
nec pulcher Ganges atque auro turbidus Hermus
laudibus Italiae certent, non Bactra neque Indi
totaque turiferis Panchaia pinguis harenis.
haec loca non tauri spirantes naribus ignem 140
inuertere satis immanis dentibus hydri,
nec galeis densisque uirum seges horruit hastis;
sed grauidae fruges et Bacchi Massicus umor
impleuere; tenent oleae armentaque laeta.
hinc bellator equus campo sese arduus infert, 145
hinc albi, Clitumne, greges et maxima taurus
uictima, saepe tuo perfusi flumine sacro,
Romanos ad templa deum duxere triumphos.
hic uer adsiduum atque alienis mensibus aestas:
bis grauidae pecudes, bis pomis utilis arbos. 150
at rabidae tigres absunt et saeua leonum
semina, nec miseros fallunt aconita legentis,
nec rapit immensos orbis per humum neque tanto
squameus in spiram tractu se colligit anguis.
adde tot egregias urbes operumque laborem, 155
tot congesta manu praeruptis oppida saxis
fluminaque antiquos subter labentia muros.
an mare quod supra memorem, quodque adluit infra?
anne lacus tantos? te, Lari maxime, teque,
fluctibus et fremitu adsurgens Benace marino? 160
an memorem portus Lucrinoque addita claustra
atque indignatum magnis stridoribus aequor,*

Iulia qua ponto longe sonat unda refuso
Tyrrhenusque fretis immittitur aestus Auernis?
haec eadem argenti riuos aerisque metalla 165
ostendit uenis atque auro plurima fluxit.
haec genus acre uirum, Marsos pubemque Sabellam
adsuetumque malo Ligurem Volscosque uerutos
extulit, haec Decios Marios magnosque Camillos,
Scipiadas duos bello et te, maxime Caesar, 170
qui nunc extremis Asiae iam uictor in oris
imbellem auertis Romanis arcibus Indum.
salue, magna parens frugum, Saturnia tellus,
magna uirum: tibi res antiquae laudis et artem
ingredior sanctos ausus recludere fontis, 175
*Ascraeumque cano Romana per oppida carmen.*⁴⁹

Tradução:

Mas que nem as florestas do Medo, terra riquíssima, nem o belo Ganges e nem o Herno agitado pelo ouro rivalize com a Itália em glórias, nem os Bactras, nem os Indos E toda a Pancaia rica em areias que produzem incenso.

Os touros que sopram fogo pelas narinas não modificaram estes lugares o suficiente como os dentes da terrível hidra, e a seara não temeu homem com capacetes e lanças densas; mas a encheram frutos pesados e o líquido (ou vinho) mássico de Baco ocupam-na oliveiras e férteis rebanhos.

Daqui o rápido cavalo guerreiro lança-se ao campo de batalha, daqui, Clitumno, os brancos rebanhos e o touro, vítima principal, banhados no teu rio sagrado, freqüentemente conduziram os triunfos romanos até os templos dos deuses.

Aqui a primavera é permanente e o calor (permanece) durante outros meses: os gados ficam férteis duas vezes e duas vezes a árvore é útil para os frutos. Mas os tigres raivosos estão ausentes e as furiosas crias dos leões, e nem os venenos enganam os infelizes que os colhem, nem a serpente escamosa arrasta pela terra os imensos anéis nem se recolhe em espiral encolhendo-se (ao se encolher).

⁴⁹ *Geo.* II, 136-176.

Acrescente a tantas notáveis cidades e o trabalho das obras, tantas fortalezas erigidas pela mão (do homem) em rochedos abruptos, e os rios que escoam por debaixo das antigas muralhas.

Acaso eu recordarei o mar que banha acima e abaixo? E tantos lagos? E tu, grande Lario, e tu Benaco, que te levantas com ondas e um rugido do mar? Acaso eu recordarei os portos e as muralhas colocadas junto de Lucrino e o mar indignado pelos grandes ruídos, por onde a onda Julia ressoa ao longe no mar que transborda e a agitação do mar Tirreno precipita-se no orgulhoso Averno?

E esta mesma (Itália) mostrou nas veias rios de prata e minas de bronze e escorreu (pelos rios) uma grande quantidade em ouro esta gerou uma raça indomável de homens, os Marsos e a mocidade Sabina, e o Lígure habituado à vida penosa e os Volscos armados com dardos. Esta gerou os Décios, os Mários e os grandes Camilos, Os Cipiões endurecidos pela guerra e tu, grande César, que agora, já vitorioso nos confins da Ásia repeles o Índio pacífico das afastadas cidadelas romanas.

Salve, grande mãe de frutos, terra de Saturno, grande (mãe) de homens: para ti começo a desvendar coisas da antiga honra e a arte e, ousando desvendar as fontes sagradas, canto um verso ascareu pelas cidades romanas.

O poeta inicia a passagem alegando que nenhuma outra terra possui as mesmas riquezas, glórias que a Itália. A terra é posta em destaque como a melhor dentre todas as outras. Já a razão de existir desta digressão, seu conteúdo e finalidade óbvia de valorizar a terra exaltando-a, sugere um comprometimento de Vergílio com a pátria e, por que não, com a política augustana de reconstrução e de retomada dos antigos valores romanos?

Cada uma das localidades mencionadas tem suas qualidades próprias, observadas pelo uso dos adjetivos *ditissima* (v. 136) e *pulcher* (v. 137), sendo o primeiro mais enfático, por encontrar-se no grau superlativo. Isto significa que não se trata de qualquer lugar, mas de terras belas, ricas e que também produzem objetos valiosos como ouro e incenso. A Itália, todavia, as supera.

É uma terra segura, na qual nem os animais ferozes devem ser temidos: os touros e as hidras (v. 140 e 141), os raivosos tigres e leões (v. 151), e a enorme serpente (v.

154), assim como nem as tormentas da guerra, representadas, no texto, pelo homem de capacetes e lanças densas (v. 142).

Vale comentar brevemente uma alusão mitológica grega quando mencionados os touros que sopram fogo pelas narinas e os dentes da terrível hidra. De acordo com a lenda, Jasão teria sido obrigado a lavrar um campo, dominando bois deste tipo, e depois semeá-lo com os dentes de dragão.

Segundo MAYER, Vergílio estaria ironizando esta agricultura fantástica, fruto dos excessos da imaginação grega, em contraposição à realidade tranqüila dos campos italianos.⁵⁰

Voltando a falar da terra, nela a fecundidade está sempre presente tanto relativamente às plantas que sempre se encontram repletas de pesados frutos (*grauidae fruges* - v. 143) quanto aos animais (*armentaque laeta* - v. 144).

Esta fertilidade permanente da fauna e flora é reiterada ainda no verso 150 (*bis grauidae pecudes, bis pomis utilis arbor* – Os gados ficam férteis duas vezes e duas vezes a árvore é útil para os frutos) e é também representada pela primavera, estação do ano que simboliza a fertilidade (*uer adsiduum* – a primavera (é) permanente - v. 149) e que é tratada não só por Vergílio, mas pelos autores antigos em geral, como a época mais propícia para o amor, para a fertilidade e para o nascimento de todas as coisas, afinal o mundo nasceu na primavera (*uere natus orbis est*)⁵¹.

Para exemplificar, cabe lembrar outra referência à força da primavera encontrada na digressão sobre o amor, que consta no canto III das *Geórgicas*. O poeta, ao explicar de que forma o amor domina todas as raças seja de homens seja de animais, igualmente alega:

*continuoque auidis ubi subdita flamma medullis
(uere magis, quia uere calor redit ossibus)*⁵²

E, assim que a chama entrou nas suas ávidas medulas, sobretudo na primavera – porque é na primavera que o calor volta aos ossos.

⁵⁰ MAYER, 1948: 277.

⁵¹ *Peruigilium Ueneris*, v.2. apud NOVAK, 2003: 250

⁵² *Geo.* III, 272.

Até este ponto é possível notar, por meio da exemplificação e da enumeração de elementos em destaque, que as principais características aludidas pelo poeta são beleza, segurança, paz, ausência de feras e guerras e, sobretudo a freqüente fertilidade da terra e dos animais que propiciam a riqueza.

Nos versos seguintes (146-148), vê-se a demonstração da preocupação com cumprimento de rituais sagrados aos deuses, e os triunfos romanos daí decorrentes. Há que se notar a sistemática presença do divino, dos entes superiores, dentro das *Geórgicas*. A todo momento, percebe-se a menção a um deus ou a uma lenda que envolva determinada divindade e os cultos que lhe são próprios. Não se pode deixar de lembrar a própria advertência de Vergílio: *In primis uenerare deos*.⁵³

O poeta comenta ainda as construções erigidas na adversidade do relevo das cidades, pela clara destreza do trabalho humano, a fim de transpor obstáculos como rochedos e rios que, supostamente, dificultariam a obra da edificação. Aproveita o momento para, em seguida fazer descrições do terreno e da localização destas construções nas proximidades do mar, de rios e lagos, do monte Averno e de outros acidentes geográficos da região italiana.

São citadas raças notáveis pelas glórias e pela força como os Marsos e Sabelos, Volscos e Ligures, de velho renome. De acordo com MAYER, nas notas de sua edição, diz que os Marsos foram alternadamente excelentes aliados e perigosos inimigos dos romanos. Dizia-se que era impossível vencer os Marsos. O termo *pubes* (v.167) empregado por Vergílio representa o conjunto de homens em idade de usar armas. Sabelos são os povos de raça Sabina e os Ligures são os habitantes da região acidentada que contorna o Golfo de Gênova. Os Volscos eram destros no manejo do *veru*, lança curta de um metro de comprimento.⁵⁴

A partir do verso 170, Vergílio lembrará os grandes e bravos homens de guerra oriundos destas terras, apontando assim sua maior riqueza, a demográfica. E também lembra César, outro título de Augusto, que vitorioso também se juntava a tão nobres romanos. Esta rica região, que produziu sua raça de homens em tão opulento cenário, é a *Saturnia tellus*.

Nesta famosa passagem dos louvores da Itália, a terra é apontada como aquela que trará de volta o verdadeiro sonho da Idade de Ouro a qual já foi mencionada neste trabalho.

⁵³ *Geo. I*, v. 338.

⁵⁴ MAYER, 1948: 279.

Ao saudar a *magna parens*, que é a terra *Saturnia*, Vergílio revive a época da Idade de Ouro, quando Saturno reinava e os homens desconheciam penas, misérias, velhices, todos os males, vivendo alegres, sustentados pela abundância da terra. Memória também presente em Hesíodo.

Vergílio prepara-se para revelar os segredos da antiga glória e arte, ou seja, da agricultura. Ele expõe as fontes sagradas da poesia, observando que está a produzir cantando um cântico ascreu, isto é, de Ascra, na Beócia, terra natal de Hesíodo.

A Itália é a terra que a natureza fez mais fértil e bela, e por sua história e pelo valor de seus habitantes, tornou-se a mais gloriosa. As *Geórgicas* confirmam o prestígio da Itália, segundo as reflexões de La Penna,⁵⁵ como centro e guia do Império, como *Saturnia tellus*.

⁵⁵ La Penna, 1988: 74.

6.1.2- Elogios à Primavera

Sobre a segunda digressão do canto II, CARDOSO afirma que “de permeio a informações de caráter técnico, há um momento de pura poesia quando Vergílio menciona a primavera, compondo-lhe um verdadeiro hino que se insere no poema (v. 323 - 335)”.⁵⁶

Nec tibi tam prudens quisquam persuadeat auctor 315
tellurem Borea rigidam spirante mouere.
rura gelu tum claudit hiems, nec semine iacto
concretam patitur radicem adfigere terrae.
optima uinetis satio, cum uere rubenti
candida uenit auis longis inuisa colubris, 320
prima uel autumnu sub frigora, cum rapidus Sol
nondum hiemem contingit equis, iam praeterit aestas.
uer adeo frondi nemorum, uer utile siluis,
uere tument terrae et genitalia semina poscunt.
tum pater omnipotens fecundis imbribus Aether 325
coniugis in gremium laetae descendit, et omnis
magnus alit magno commixtus corpore fetus.
auia tum resonant auibus uirgulta canoris,
et Venerem certis repetunt armenta diebus;
parturit almus ager Zephyrique tepentibus auris 330
laxant arua sinus; superat tener omnibus umor,
inque novos soles audent se gramina tuto
credere, nec metuit surgentis pampinus Austros
aut actum caelo magnis Aquilonibus imbrem,
sed trudit gemmas et frondes explicat omnis. 335
non alios prima crescentis origine mundi
inluxisse dies aliumue habuisse tenorem

⁵⁶ CARDOSO, 1989: 106.

crediderim: uer illud erat, uer magnus agebat
orbis et hibernis parcebant flatibus Euri,
cum primae lucem pecudes hausere, uirumque 340
terrea progenies duris caput extulit aruis,
immissaeque ferae siluis et sidera caelo.
nec res hunc tenerae possent perferre laborem,
si non tanta quies iret frigusque caloremque
inter, et exciperet caeli indulgentia terras.⁵⁷ 345

Tradução:

Que nenhum mestre tão prudente te convença a mover a terra rígida quando Bóreas sopra. Depois que o inverno fecha os campos com a geada e, tendo a semente sido lançada, não permite que a raiz espessa prenda-se à terra.

A melhor estação para plantar a vinha é quando, na primavera risonha, chega a branca ave, odiada pelas grandes serpentes, ou sob os primeiros frios do outono, quando o sol impetuoso com seus cavalos ainda não atingiu o inverno, e já o verão ficou para trás.

Agora a primavera útil à folhagem dos bosques, primavera útil às florestas, as terras se intumescem e exigem sementes fecundas.

Então Éter, o pai onipotente, com chuvas fecundas desce até o seio da esposa fértil, e poderoso unindo-se a esse grande corpo alimenta todos os filhos. Então as ramagens ressoam lugares intransitáveis com as aves melodiosas, e os rebanhos reivindicam Vênus nos dias certos; O campo nutriz dá à luz e, por causa da brisa morna do Zéfiro, as pastagens relaxam os seios; um líquido suave ultrapassa todas as coisas, e as ervas ousam entregar-se, em confiança, a novos sóis, o pâmpano não teme os Austros que surgem ou a chuva impelida do céu pelos fortes Aquilões, mas faz brotar os rebentos e estende todas as folhagens.

Eu não acreditei que outros dias tenham iluminado na primeira origem do mundo nascente ou tenham tido outro movimento: aquilo era primavera, o grande orbe vivia a primavera e os Euros cessavam os ventos invernosos.

⁵⁷ *Geo. II, 315-345.*

Quando os primeiros animais viram a luz, e a raça térrea do homem ergueu a cabeça das terras duras as feras foram enviadas para as florestas e os astros para o céu. Os seres delicados não podiam sofrer esta provação se tanta tranqüilidade não se refugiasse entre o frio e o calor, e se a benevolência do céu não acolhesse as terras.

Neste momento do texto, o poeta esquece suas recomendações acerca das técnicas de plantação da vinha e passa a celebrar a primavera. É nesta estação do ano que toda a natureza está pronta para a procriação, é a época mais propícia para a fecundidade da terra e dos animais.

As terras ainda não estão castigadas pelo frio do inverno e nem pelos impetuosos raios do sol, pelo contrário elas incham-se e encontram-se prontas para receber as sementes fecundas.

O poeta inicia a passagem explicando o que é a primavera. Ele a define: diz que é útil às árvores, às florestas, aos bosques. Tem-se, então, uma primeira imagem da primavera, representando a própria reprodução, o período fértil da terra e de toda a natureza.

Com a sua chegada, ocorre o ato de amor entre o céu e a terra, do qual nascem todos os seres vivos, já que é na primavera, segundo o próprio Vergílio em outros versos da obra, que o calor volta aos ossos.⁵⁸

É, então, na primavera que o Pai todo poderoso, Éter, desce com as chuvas fecundas. Éter pode ser associado a Júpiter, uma vez que ambos representam o ar. São deuses supremos, que assumem a paternidade de todas as coisas. Ele desce até as entranhas da esposa fecunda, isto é, que se encontra no tempo fértil.

Vale ressaltar que o verbo *descendit* (*descendo, is, ere* - v. 326) também pode ser traduzido por “penetrar”, que faz uma remissão maior ao ato de fecundação e, ainda, estabelece relação com a própria atividade de sementeira do agricultor que faz as sementes penetrarem no seio da terra para produzir nova vida.

Além deste verbo, podem ser destacadas outras expressões de mesmo valor semântico, as quais aludem ao amor, à união dos seres, à fecundidade e à procriação:

⁵⁸ *Geo.* III, 272.

genitalia semina - v. 324 (sementes fecundas), *fecundis imbribus* - v. 325 (chuvas fecundas), *conjugis laetae* - v. 326 (esposa fértil) etc.

Por meio desses termos, Vergílio descreve belamente a união do céu e da terra que são representados como dois amantes em uma relação amorosa. Eles abraçam-se, unem-se intensamente para produzirem a vida.

O pai todo poderoso desce e alimenta (*alit* – v. 327), isto é, dá a vida, anima os seres. Enquanto isso, a esposa encontra-se pronta a recebê-lo, em um grande abraço. Esta é uma imagem plástica: o corpo do céu e a sua grandeza revelam seu poder, juntamente ao corpo, também grandioso, da terra. A união acontece e ponto final. A terra, enfim, é fecundada.

Então, as aves melodiosas cantam, como numa comemoração de todos os elementos da natureza. A terra, mãe geradora, dá à luz (*Parturit* – v. 330), e relaxa com a brandura do Zéfiro.

Da mesma forma, os rebanhos também buscam Vênus nos dias certos (*Venerem certis repetunt armenta diebus* – v.329). O termo *Venus*, *-eris*, de extensa gama de acepções, aqui representa o período fértil, ou seja, o momento certo para procriação dos animais.

As sementes recém-nascidas estão protegidas de todos os males no seio da mãe. Não temem chuvas nem tempestades, estão acolhidas, crescem em segurança e desabrocham. A vida, assim, é gerada: novos ramos, novas folhagens, novos seres.

Também para Vergílio, o mundo nasceu na primavera. Na primeira origem do mundo nascente (*prima crescentis origine mundi* – v. 336) era a primavera que vigorava. É comum perceber diversas outras referências a esta idéia nos autores clássicos, uma vez que é uma idéia própria do imaginário antigo.

Como diz Vergílio, não poderia ser outra a época em que os primeiros animais viram a luz, que os homens ergueram a frente, as feras foram para as florestas e os astros para o céu. Neste momento, o mundo organizou-se como tal, favorecido pela tranquilidade refugiada entre o frio e o calor e pela benevolência do céu para com a terra (v. 340 – 354). Antes, contudo, o que existia era o caos.

De acordo com os versos de Vergílio, é possível perceber, até aqui, um movimento de toda a natureza que, em conjunto (animais, vegetais e os entes supremos que nela estão presentes), organiza-se para a geração da vida.

Esta digressão pode ser facilmente associada ao mito Cosmogônico, como sendo uma representação artística e poética do mesmo, de acordo com o qual Gaia, a mãe universal, gera, com o auxílio do céu, todas as formas materiais existentes. Gaia faz parte do grupo das divindades primordiais, aquelas que, de acordo com o mito, foram responsáveis pela origem do mundo e de todos os seres existentes.

De forma implícita o poeta demonstra a concepção do homem antigo frente aos fenômenos naturais os quais, muitas vezes, não tinha como explicar. Ele personifica as divindades e elas presidem, por exemplo, ao nascimento, como ocorre com Gaia.

Hesíodo no século VIII a.C., ao tentar organizar a genealogia das divindades, afirma que “no começo era o caos”. O caos, embora a língua não dê conta de sua exata definição, pode ser entendido como uma matéria desprovida de estrutura e de organização. Estavam contidas em seu interior forças capazes de produzir vida. Dessa matéria disforme teriam surgido todas as formas materiais. Esse misterioso “começo de tudo” é geralmente referido por meio de metáforas que não o definem, mas o sugerem.

As primeiras forças que dele surgiram são chamadas divindades primordiais, pois constituem a primeira geração de deuses, anteriores aos olímpicos. Cabe aqui esclarecer o mito narrado por Hesíodo.

Gaia é a primeira divindade a emergir do caos. Deu-lhe um limite, um chão. Ela representa a Terra, a fonte inesgotável de riquezas e mãe fecunda de todos os seres. Movida pela necessidade de um companheiro, Gaia gera, sozinha, um ser semelhante a si, Urano, o Céu. Assim ela preenche o espaço vazio que existia sobre si. O Céu cobre a Terra por inteiro.

Eros, o amor universal, contemporâneo dessas forças naquilo que se chama caos, tratou de unir Gaia e Urano. O amor não mais permitiu que as forças se fecundassem sozinhas. Dessa união provém a primeira etapa da geração evolutiva: Gaia dá à luz a outras forças: os Titãs, os Ciclopes e os Hecatônquiros, elementos absolutamente devastadores. Essas formas materiais habitam o universo ainda em desordem.

Dentre os filhos de Gaia temos Saturno (Cronos), o tempo indomável, aquele que devora todas as coisas. Saturno revolta-se contra o pai por este fecundar incessantemente a mãe. Então, corta os órgãos genitais do pai com uma foice para salvá-la do destino de continuar gerando incessantemente. A partir de então, Saturno destrona-o e assume o seu reino.

A foice, arma utilizada por Saturno, simboliza concomitantemente a morte e a colheita. Neste sentido último, os órgãos de Urano podem representar uma das forças capazes de gerar vida ininterruptamente. O sangue de Urano, ao cair na terra, fecunda-a mais uma vez. Seus órgãos genitais, ao caírem no mar, espalham o sêmem e, da espuma branca formada, nasce Vênus (Afrodite).

Saturno, temendo ser vítima da mesma sorte do pai, passa a devorar todos os seus filhos logo após o nascimento. Sua esposa, Réia, para salvar um de seus filhos esconde-o e, em seu lugar, coloca uma pedra para que o marido a devore. Este filho que foi salvo é Júpiter.

A função de pai, assumida primeiramente por Urano, depois por Saturno, posteriormente, será ocupada por Júpiter (Zeus), pai dos deuses e dos homens, cujo poder dominará e organizará o mundo divino e o mundo real.

Percebe-se, aqui, claramente a intertextualidade das duas narrativas e, pela relativa semelhança entre esta digressão das *Geórgicas* e o imortalizado mito Cosmogônico, tratado por tantos outros autores antigos, tem-se a impressão de que Vergílio, ao seu modo, faz uma readaptação, ou ainda, uma releitura do mito, inserindo-lhe o colorido, a sutileza e os ornamentos que somente a poesia vergiliana pode proporcionar.

6.1.3- Elogios à Vida agreste

Por fim, a última e mais extensa digressão deste livro:

*O fortunatos nimium, sua si bona norint,
agricolas! quibus ipsa procul discordibus armis
fundit humo facilem uictum iustissima tellus. 460
si non ingentem foribus domus alta superbis
mane salutantum totis uomit aedibus undam,
nec uarios inhiant pulchra testudine postis
inlusasque auro uestis Ephyreiaque aera,
alba neque Assyrio fucatur lana ueneno, 465
nec casia liquidi corrumpitur usus oliui;
at secura quies et nescia fallere uita,
diues opum uariarum, at latis otia fundis,
speluncae uiuique lacus, at frigida tempe
mugitusque boum mollesque sub arbore somni 470
non absunt; illic saltus ac lustra ferarum
et patiens operum exiguoque adsueta iuuentus,
sacra deum sanctique patres; extrema per illos
Iustitia excedens terris uestigia fecit.
Me uero primum dulces ante omnia Musae, 475
quarum sacra fero ingenti percussus amore,
accipiant caelique uias et sidera monstrent,
defectus solis uarios lunaeque labores;
unde tremor terris, qua ui maria alta tumescant
obicibus ruptis rursusque in se ipsa residant, 480
quid tantum Oceano properent se tingere soles
hiberni, uel quae tardis mora noctibus obstet.
sin has ne possim naturae accedere partis
frigidus obstiterit circum praecordia sanguis,
rura mihi et rigui placeant in uallibus amnes, 485
flumina amem siluasque inglorius. o ubi campi
Spercheosque et uirginibus bacchata Lacaenis*

*Taygeta! o qui me gelidis conuallibus Haemi
sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!
felix qui potuit rerum cognoscere causas 490
atque metus omnis et inexorabile fatum
subiecit pedibus strepitumque Acherontis auari:
fortunatus et ille deos qui nouit agrestis
Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores.
illum non populi fascēs, non purpura regum 495
flexit et infidos agitans discordia fratres,
aut coniurato descendens Dacus ab Histro,
non res Romanae perituraque regna; neque ille
aut doluit miserans inopem aut inuidit habenti.
quos rami fructus, quos ipsa uolentia rura 500
sponte tulere sua, carpsit, nec ferrea iura
insanumque forum aut populi tabularia uidit.
sollicitant alii remis freta caeca, ruuntque
in ferrum, penetrant aulas et limina regum;
hic petit excidiis urbem miserosque penatis, 505
ut gemma bibat et Sarrano dormiat ostro;
condit opes alius defossoque incubat auro;
hic stupet attonitus rostris, hunc plausus hiantem
per cuneos geminatus enim plebisque patrumque
corripuit; gaudent perfusi sanguine fratrum, 510
exsilioque domos et dulcia limina mutant
atque alio patriam quaerunt sub sole iacentem.
agricola incuruo terram dimouit aratro:
hic anni labor, hinc patriam paruosque nepotes
sustinet, hinc armenta boum meritosque iuuenos. 515
nec requies, quin aut pomis exuberet annus
aut fetu pecorum aut Cerealis mergite culmi,
prouentuque oneret sulcos atque horrea uincat.
uenit hiems: teritur Sicyonia baca trapetis,
glānde sues laeti redeunt, dant arbuta siluae; 520*

*et uarios ponit fetus autumnus, et alte
 mitis in apricis coquitur uindemia saxis.
 interea dulces pendent circum oscula nati,
 casta pudicitiam seruat domus, ubera uaccae
 lactea demittunt, pinguesque in gramine laeto 525
 inter se aduersis luctantur cornibus haedi.
 ipse dies agitat festos fususque per herbam,
 ignis ubi in medio et socii cratera coronant,
 te libans, Lenaeae, uocat pecorisque magistris
 uelocis iaculi certamina ponit in ulmo, 530
 corporaque agresti nudant praedura palaestra.
 hanc olim ueteres uitam coluere Sabini,
 hanc Remus et frater; sic fortis Etruria creuit
 scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma,
 septemque una sibi muro circumdedit arces. 535
 ante etiam sceptrum Dictaei regis et ante
 impia quam caesis gens est epulata iuuencis,
 aureus hanc uitam in terris Saturnus agebat;
 necdum etiam audierant inflari classica, necdum
 impositos duris crepitare incudibus ensis.⁵⁹ 540*

Tradução:

Ó agricultores extremamente felizes! Se tivessem conhecido os seus bens, pelos quais a própria terra, justíssima, longe de armas em guerra, espalha no solo abundante alimento.

Se a ilustre morada não lança pelas portas opulentas, por todos os aposentos, uma imensa onda de pessoas que cumprimentam pela manhã, e nem cobiçam as várias soleiras (portas) ornadas e com uma bela incrustação de escama de tartaruga, e as roupas bordadas de ouro, e os bronzes Efireus, a branca lã não se disfarça com beberagem Assíria e se tingem, nem o uso do líquido da oliveira é alterado pela lauréola.

⁵⁹ *Geo.* II, 458-540.

Pelo menos um repouso tranqüilo e uma vida que não sabe enganar, rica de bens variados, pelo menos repouso em terras espaçosas, grutas e lagos naturais, pelo menos frescos vales deliciosos e mugido de bois, e sons amenos sob a árvore não faltam (estão ausentes). Lá (há) pastagens e tocas das feras e a juventude habituada com pouco e resistente aos trabalhos, há cultos aos deuses e antepassados veneráveis; a justiça, ao afastar-se das terras, deixou marcas derradeiras entre eles.

De fato, primeiramente, (peço) que as doces Musas, cujos cultos conduzo tomado por um amor imenso, antes de todas as coisas, recebam-me e mostrem-me os caminhos do céu e os astros, as variadas revoluções do sol e os eclipses da lua;

Donde o tremor nas terras, em que os mares profundos incham-se com a força, depois de quebradas as barreiras, diminuem de novo em si próprios, porque os sóis de inverno se apressam tanto a mergulhar no Oceano ou a demora impede as noites lentas.

Mas, ao contrário, se o frio sangue que envolve meu coração impede que eu possa ir para esta parte da natureza, então que os campos agradem-me e os rios que refrescam os vales, que eu, inglorio, ame os rios e as florestas.

Ó onde estão os campos e o Esperquio e o Táigeto freqüentado pelas virgens da Lacedemônia. Ó quem há que me mantenha nos vales frescos do Hemo, e (me) abrigue na imensa sombra dos ramos!

Feliz aquele que pôde conhecer as causas das coisas e que lançou debaixo dos pés todos os medos e o destino inexorável e o estrondo do ávido Aqueronte: e afortunado aquele que conheceu os deuses agrestes e Pã e o velho Silvano e as ninfas irmãs.

Não o curvaram as honras do povo, nem a púrpura dos reis e a discórdia que agita (impulsiona) os irmãos infiéis ou o Daco que desce do Istro conjurado, nem os feitos romanos e os reinos que não de ser destruídos (por eles) e nem aquele que se apieda lamentou a privação ou invejou aquele que possui.

Colheu aqueles frutos do ramo, os quais os próprios campos propícios produziram espontaneamente, e não se ocupou das duras leis nem do foro insano ou dos arquivos do povo. Outros agitam fortemente os mares tenebrosos com os remos e se lançam contra o ferro, penetram os palácios e os limites dos reinos.

Este ataca a cidade e os infelizes Penates com destruições para que beba em copo ornado com pedras e durma em tecido de púrpura de Tiro; outro esconde as riquezas e está deitado sobre o ouro enterrado; aquele que estava extasiado com as tribunas, o aplauso duplicado por entre os bancos da plebe e dos senadores no

anfiteatro, agarrou violentamente, alegram-se cobertos com o sangue dos irmãos, e trocam as casas e as doces soleiras pelo exílio e buscam uma pátria que jaz sob outro sol.

O lavrador abriu a terra com um arado curvo: de onde provém o trabalho do ano, de onde provém a pátria e aos pequenos descendentes, de onde provém aos rebanhos de bois e aos touros que o servem.

Não (há) repouso, ainda mais quando o ano transborda em frutos ou em cria de gados, ou com o feixe de espigas de Ceres, e sobrecarregue as lavouras de colheita e supere os celeiros. Chega o inverno: a baga de Sicione é esmagada pelas mós de lagar, os porcos retornam fartos de bolotas, as florestas dão medronheiros e o outono deposita frutos variados e no alto a doce vindima é amadurecida nos rochedos expostos ao sol.

Enquanto isso, os doces filhos ao redor buscam beijos, a honesta casa preserva a castidade, as tetas cheias de leite da vaca precipitam-se, os cabritos gordos na grama abundante combatem entre si chifres adversos.

O próprio (lavrador) prepara os dias de festa e, estendido na relva, onde (há) fogo no centro e os companheiros enchem até a borda as crateras, chama a ti, Leneu, em libação convoca torneios de dardo veloz com o alvo no olmeiro para os pastores, e desnuda os corpos endurecidos pelo exercício agreste.

Outrora os velhos sabinos cultivaram esta vida, esta (também) Remo e o irmão; assim cresceu a forte Etrúria naturalmente, e Roma é a mais bela dentre as obras, única, limitou sete colinas para si como uma muralha.

Ainda antes do reinado rei Diteu e antes da ímpia raça que se banqueteara com novilhos mortos, o áureo Saturno controlava esta vida nas terras; Até então ainda não se tinha ouvido os sons das trombetas guerreiras serem sopradas e nem as espadas crepitarem colocadas nas duras bigornas.

Em linhas gerais esta digressão ratifica o conteúdo da obra como um todo: a verdadeira felicidade do homem reside na vida calma, tranqüila e sem luxos e sofrimentos, que somente é propiciada pela vida no campo, que está em consonância com os ideais epicuristas em voga naquele período. E a realização de seu árduo trabalho, bem como a prestação do devido culto aos deuses, é sempre recompensada pela *iustissima tellus* (v. 460), por meio de sua pronta e fácil fertilidade.

Logo nos primeiros versos, o uso, em posições de destaque no início e fim de versos, do termo *nimum* (v. 458), da assertiva exclamativa, e do adjetivo na forma superlativa *iustissima* (v. 460) demonstram o entusiasmo de Vergílio e até certo exagero, ao comentar a sorte dos homens que vivem para lidar com a terra.

O sintagma *O fortunatos nimum agricolas* é integralmente registrado por FARIA⁶⁰ e sugere que os agricultores não são simplesmente felizes, são extremamente, excessivamente felizes. A acepção do termo *nimum* intensifica o adjetivo *fortunatos*, de modo que o caracteriza como excessivo, que excede os limites.⁶¹ A terra, do mesmo modo, não é apenas justa para com os homens, mas sim justíssima, ela excede a medida da mera justiça. Ela é benevolente, grandiosa.

É interessante notar que tal construção hiperbólica foge à natureza contida e sóbria do fazer poético de Vergílio. Afasta-se até mesmo dos ideais que prega de fuga dos excessos e busca constante da simplicidade, da mediania próprios da doutrina filosófica a que adere nesta obra, o epicurismo, e que permeia a maior parte da digressão em questão.

Aqui o campo é colocado em contraposição à cidade: a cidade, Roma, busca uma vida de luxo refinado e ostentação. Vergílio leva em consideração que a natureza é severa, porém benevolente, justa. O campo distingue-se da cidade não só por ser o lugar mais propício à *tranquillitas animi*, mas o único onde ainda reinam a inocência e a justiça.

A vida agreste proporciona, como Vergílio busca comprovar verso a verso, a felicidade tranqüila para aqueles que reconhecem o seu valor, levam-na com fé e trabalho, ao passo que a vida da cidade promete riquezas, luxos, mas acarreta sofrimentos e desilusões.

Esta vida é associada, por um lado à famosa Idade de Ouro, freqüentemente lembrada pelo poeta e, por outro, à ataraxia própria da doutrina epicurista, que se define como a manutenção da serenidade do espírito, somente conseguida por meio da ausência da dor. Nisto consistiria a verdadeira felicidade do homem sábio.

La Penna⁶² observa que o ideal de sabedoria de Epicuro fascinava sempre o poeta: o conhecimento científico da natureza liberta os medos e é capaz de manter longe o amor impiedoso, que fere a alma, os luxos e excessos.

⁶⁰ FARIA, 1958: 54.

⁶¹ TORRINHA, 1942: 555.

⁶² La Penna, 1988: 79.

É possível destacar alguns elementos lingüísticos desta digressão que semanticamente denotam a riqueza e a ostentação: *domus alta* - ilustre morada, *foribus... superbis* - portas opulentas (v. 461), *inclusasque auro uestis* - roupas bordadas de ouro (v. 464), *purpura regum* - púrpura dos reis (v. 495), *gemma* - copo ornado com pedras, *Sarrano ... ostro* - tecido de púrpura de Tiro (v. 505).

A fama, as honrarias e as glórias ilusórias, próprias do universo citadino, também são expressas nos seguintes termos: *populi fascēs* - honras do povo (v. 495), *ferrea iura* - duras leis (v. 501), *insanumque forum...populi tabularia* -- foro insano ... arquivos do povo (v. 502), *stupet attonitus rostris* - extasiado com as tribunas (v. 508), *plausus ... plebisque patrumque* - o aplauso da plebe e dos senadores (v. 508-509).

São exaltadas, por outro lado, as verdadeiras riquezas das quais o homem pode usufruir: *secura quies et nescia fallere uita, diues opum uariarum* - um repouso tranqüilo e uma vida que não sabe enganar, rica de bens variados (v. 467-468), *latis otia fundis* - repouso em terras espaçosas (v.468), *speluncae uiuique lacus* - grutas e lagos naturais (v.469), *frigida tempe / mugitusque boum* - frescos vales deliciosos e mugido de bois (v.469-470), *mollesque sub arbore somni* - sons amenos sob a árvore (470).

Há que se destacar um importante conceito, no que concerne ao mundo clássico, relacionado a estas referidas riquezas, segundo Vergílio: o conceito de *otium*, cujo campo semântico abrange termos como *quies, otia, molles...somni*.

Percebe-se, então, a dicotomia *labor x otium* subjetivamente presente no texto. Estes conceitos, embora antagônicos, se entrelaçam. O termo *labor* exaustivamente tratado tem relação direta com a atividade do lavrador, aquele que obtém o sustento da pátria dos seus descendentes e de seus rebanhos (v. 514-515) por meio do trabalho. A digressão, como toda a obra, está permeada deste conceito de *labor agricola*, que neste texto é representado pelas expressões *patiens operum... iuuentus* – juventude resistente aos trabalhos (v. 472), *fructus / carpsit* - Colheu frutos (v. 500-501) *agricola... terram dimouit* - O lavrador abriu a terra (v. 513), *hic anni labor* - trabalho do ano (v. 514), *nec requies* - não (há) repouso (v. 516).

A noção de *otium*, por sua vez, abrange uma considerável gama de significações, em se tratando de antiguidade clássica. Remete, primeiramente, ao repouso que gera a tranqüilidade necessária para se colher, aproveitar, gozar o dia, que tanto ensinou Horácio⁶³ e todos os poetas adeptos da filosofia epicurista.

⁶³ HORÁCIO, Odes - I, 11, v.8.

Este ócio também é propício à reflexão e à admiração da majestosa natureza que rodeia o campestre que, ao vislumbrá-la, serve-a com satisfação, além de favorecer, sobretudo, o exercício da produção intelectual, tão exaltada pelos poetas líricos como Horácio, por exemplo.

Este último significado é conhecido como ócio criativo, ou produtivo e, até mesmo, o *otium cum dignitate*, que nada tem a ver com o moderno sentido pejorativo da palavra. A referida dicotomia é perfeitamente coerente e aplicável aos versos de Vergílio.

O *otium* foi um assunto muito lembrado também por Lucrécio. Este se faz presente ainda nos versos 475 a 483, quando o poeta assume a difícil missão, pedindo o auxílio das musas para a sua inspiração, de explicar a natureza das coisas, a origem dos fenômenos naturais e o modo como se concatenam, realizando assim a *aemulatio* de Lucrécio como cientista e filósofo.

Vergílio revela-se, todavia, impossibilitado de adentrar nestes assuntos a respeito do tremor das terras e aos trabalhos do sol e da lua. Restringe-se, então, com contentamento, aos campos, vales e rios, próprios de sua poética. Admira-se daquele que pode conhecer as causas das coisas inexplicáveis e ainda por não temer o *inexorabile fatum* (v. 491). Os versos 490-491 aludem, sobretudo, a uma reflexão acerca do tempo, ou também ao fim do tempo de cada um, a morte, tema bastante recorrente nas obras de Horácio e que está sempre presente em qualquer reflexão acerca da temporalidade, da vida e da passagem do tempo.

Temática também lembrada por Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, que foi beber na Antiguidade Clássica, mais precisamente, em Vergílio e Horácio, a inquietude quanto à inexorabilidade da morte, a reflexão acerca da brevidade da vida, bem como a defesa do *Carpe Diem*.

Uma visão complementar a esta seria a observação do tempo que, diante de qualquer distração, não está mais ali, no mesmo lugar.

O tema da fugacidade do tempo e da brevidade da vida está claro nesta passagem e também é observado em outras partes das *Geórgicas*, nas quais ele expressa esta preocupação, a exemplo do célebre verso:

“*Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus*”.⁶⁴

Mas, neste momento, foge, o tempo foge irreparavelmente

⁶⁴ *Geo.* III, 284.

O tema da morte é reiterado pela referência a Aquerone (*Acherontis auari* v. 492). De acordo com a mitologia greco-romana, o barqueiro Caronte, filho de Érebo e da Noite, era responsável por transportar as almas por meio de uma barca e vagava pelo rio Aqueronte, caminho através do qual se chegava ao reino dos mortos. Ao barqueiro era feito o pagamento de uma moeda, o óbolo, para que a travessia fosse possível.

É possível destacar um exemplo que ilustra, dentre inúmeros outros existentes na literatura latina clássica, a alusão de Horácio ao mesmo campo semântico da inexorabilidade da morte:

(...)

*Diuesne prisco natus ab Inacho
nil interest an pauper et infima
de gente sub diuo moreris,
uictima nil miserantis Orci;*

*Omnes eodem cogimur, omnium
uersatur urna serius ocius
sors exitura et nos in aeternum
exilium impositura cumbae.*

(...)

“Do prisco Ínacos filhos, ou da pobre e ínfima gente que ao relento vive, não nos importa, vítimas que somos do Orco que de ninguém se comiserá; somos levados para igual destino: a nossa sorte, da urna que se agita, ou mais cedo ou mais tarde, há de sair para pôr-nos, enfim, naquela barca em que só se parte para o eterno exílio”.⁶⁵

Não importando a origem de cada um, se ilustre ou miserável, todos os homens só têm um destino e são levados todos impiedosamente para o mesmo exílio eterno. Daí, o maior ensinamento epicurista da necessidade de aproveitar a vida, longe de tristezas, angústias e infelicidades, das riquezas e luxos desnecessários, uma vez que todos são vítimas do mesmo *fatum*.

Já que a vida é breve e a morte é certa, o ideal de vida do homem verdadeiramente sábio, pregado constantemente por Vergílio, que, aqui, assume clara postura didática, é buscar a felicidade que reside na serenidade campestre, não deixando

⁶⁵ HORÁCIO. Ode II, 3. Trad.: Bento Prado Ferraz

de conhecer e prestar os devidos cultos e honras aos deuses que a ele presidem, como Pã e Silvano deuses rurais por excelência, buscando obter-lhes sempre o favorecimento.

Desafortunados, portanto, são aqueles que buscam a discórdia e a guerra, cegos pelo poder: *agitans discórdia* - discórdia que agita (v. 496), *ruunt... in ferrum* - se lançam contra o ferro (v. 503-504), *petit excidiis urbem miserosque penatis* - ataca a cidade e os infelizes Penates com destruições (v. 505), *gaudent perfusi sanguine fratrum* - alegram-se cobertos com o sangue dos irmãos (v. 510).

Com uma invocação a Baco, o poeta introduz o livro II das *Geórgicas* e igualmente o termina com a imagem do dia festivo, em que celebra o deus do vinho, propício às colheitas da vinha, com libações.

Por fim, o poeta rememora a vida das antigas populações de lavradores humildes, trabalhadores e de bravos soldados. São mencionados os Sabinos, os romanos do tempo de Rômulo e Remo, personagens inerentes a um dos mais conhecidos mitos da fundação de Roma, e os Etruscos, exemplos de um *modus uiuendi* considerado ideal, aquele de outrora, da Idade de Ouro quando ainda reinava Saturno e, sob o seu comando, a guerra ainda não acometia os homens.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta breve análise literária das três digressões constituintes do II canto das *Geórgicas*, é válido reiterar a extrema complexidade no que tange à elaboração poética de Vergílio, à composição dos versos e à construção dos sentidos da obra, de tal forma que uma primeira e genérica análise apreenderia do texto apenas a finalidade didática, bem como observaria ensinamentos adornados por passagens mais poéticas, por assim dizer.

Ao adentrar o universo das *Geórgicas*, percebe-se que esta variedade de significados, ensinamentos, conceitos e preceitos transcende o puramente real, concreto e físico passando ao plano das idéias, convicções filosóficas e religiosas. Sem fugir, naturalmente, do objetivo didático.

O ensinar, todavia, abrange não apenas as técnicas agrícolas e os métodos de cultura da terra e das plantas, mas abarca também questões existenciais e universais, pertinentes às reflexões de homens de todas as épocas.

Confirma-se o estatuto didático da obra, bem como o papel do poeta como o *magister*, inclusive quando os seus assuntos fogem ao tema rural. Considera-se, então, que também as digressões, sobretudo as que ressaltam valores éticos e morais, têm valor didascálico, ainda que para alguns elas sirvam de mero embelezamento do texto.

Em outras palavras, um viés puramente educativo do poema dificilmente poderia exprimir todo o seu significado ideológico, ainda que a postura de ensinamento nunca se ausente, vale reafirmar, mesmo nas passagens que constituem as digressões, todavia com um sentido mais amplo. Vergílio, neste aspecto, inspira-se, principalmente, em Hesíodo e Lucrecio.

É possível ir ainda mais além, quando se conjectura que estas passagens, as digressões, podem possuir, de certa forma, uma maior eficácia em termos didáticos que as demais, visto que, na verdade, os ensinamentos nelas imbuídos seriam de considerável importância, caso fossem disseminados.

Sem esquecer o cenário social e político em que Roma encontrava-se, pode-se concluir que as antigas lendas, crenças e convicções são as verdadeiras lições para uma época de decadência. Sob este ponto de vista, uma hipótese que não se pode descartar seria a consideração das preceituações meramente agrárias como um pretexto para a entrada no assunto rural.

Vergílio objetiva, sobretudo, a exaltação da Itália e dos basilares valores romanos. Para tanto, valoriza a agricultura, sempre favorecida pela fertilidade daquelas terras e faz apologia à fé e ao trabalho do homem, este sempre pronto para a aspereza, e recompensa, que o *labor* proporciona.

Como essência filosófica da obra, prega constantemente o ideal de sabedoria. Para o poeta, somente o homem sábio é capaz de encontrar a verdadeira felicidade. Ele **ensina** que esta felicidade só pode ser alcançada mediante a fuga dos excessos, e do sofrimento deles oriundo. O sábio abstém-se das perturbações próprias da *urbs* e busca a calma, a tranqüilidade e a simplicidade próprias do ambiente campesino.

Tal ensinamento é um dos pilares da doutrina epicurista cujos vestígios são encontrados em diversos momentos no texto das *Geórgicas*. Em outras palavras, é possível afirmar que, ao escrever as *Geórgicas*, Vergílio não aconselha que sejam abandonadas as riquezas próprias da vida urbana e que todas as pessoas tornem-se camponesas. Mostra, contudo, a sua convicção de que a felicidade é duradoura e estável nas coisas simples que somente a natureza é capaz de proporcionar.

Assim, como a digressão sobre a vida agreste pode comprovar, observa-se a negação das riquezas, luxos e ostentação prometidos pela cidade. Eles acarretam, na realidade, sofrimentos e desilusões. De acordo com o ideal pregado por Epicuro, uma pobreza feliz era mais valiosa que o tesouro dos reis.

O trabalho é, de acordo com este ideal, elemento imprescindível, uma vez que, por meio dele, o homem dignifica a si mesmo e à pátria, obtém o sustento, bem como exercita as suas potencialidades.

Por este motivo, Júpiter teria findado com a Idade de Ouro, cujo resultado foi o surgimento de todas as ciências e artes conhecidas, pelo desenvolvimento e esforço do homem. O *labor omnipotens* ainda permite ao homem o encontro com a verdadeira felicidade mediante a ataraxia, definida como a ausência da dor oriunda dos excessos humanos.

Os principais aspectos da vida campesina são tratados por Vergílio, que, sob a máscara do *magister*, dirigindo-se ao *discipulus*, preceitua acerca dos meios de cultivar as terras e cuidar dos animais e das plantas. Sabe-se, todavia, que as *Geórgicas* não se destinavam diretamente aos camponeses italianos, mas sim às classes mais intelectualizadas da época, formadora e propagadora do ideal político almejado pelo imperador.

O engajamento de Vergílio, ainda que discutível e passível de comprovação, é percebido na obra de outra forma, na medida em que o poeta faz apologia aos antigos valores romanos que Augusto intentava reinstaurar.

O trabalho, como já mencionado, é o principal deles na busca da restauração da agricultura romana e, assim de toda a pátria. A sociedade das abelhas serve de exemplo e ilustra um ideal de sociedade, organizada e inteiramente voltada para o trabalho.

Vergílio, assumindo uma tarefa supostamente solicitada por Mecenas, buscou, muito provavelmente, favorecer o retorno à terra e devolver a confiança no trabalho por meio da valorização.

Como a digressão sobre a Itália pode exemplificar, o espírito romano precisava ser exaltado, para que então fosse reafirmado o prestígio e a majestade da Itália perante os outros lugares. A paz perdida outrora com o fim da Idade de Ouro estava retornando, a *pax romana* estava sendo estabelecida por Augusto. Esta esperança pulsava nas veias poéticas de Vergílio, de tal forma que ele invoca César em sua obra, louvando-o como uma divindade, o salvador da Itália.

A luta diária face à arduidade da vida rural e ao rigor do trabalho são recompensados. O trabalho fornece à vida harmonia, felicidade e o sustento, longe dos luxos desnecessários e da dor.

A Natureza, por sua vez, é a grande protagonista da obra. Ela gera a vida, com o auxílio fundamental do agricultor que com ela estabelece o mais íntimo contato. Este poder criador da Natureza pode ser observado na segunda digressão do canto II, cujo tema é a primavera, época mais fértil da terra e dos animais.

A arquitetura da obra conta com a habilidade poética de Vergílio que, de forma harmônica, divide e dosa os conteúdos próprios da agricultura, tratando cada um deles sem esquecer-se de que está a compor uma poesia, e este teor poético faz-se presente todo o tempo, mesmo nos trechos mais descritivos.

Naturalmente, não são contemplados todos os métodos e conteúdos agrícolas, mesmo porque a pretensão da obra (e isso parece claro) não é a de constituir-se como um tratado de agricultura, com técnicas puramente pragmáticas. A realidade não é apresentada tal como é, mas é ornada, remodelada pelo gesto criador do poeta.

Em outras palavras, ainda que os conteúdos sejam selecionados e organizados na obra semelhantemente aos Tratados de Agricultura, ela não é, de forma alguma, um manual com vistas a apenas fornecer ensinamentos e preceitos agrários. É, pelo

contrário, uma obra de arte, uma poesia, no sentido mais puro do termo e com as características mais próprias do gênero.

Em sua essência, a obra é um tributo à vida, à natureza, aos deuses nela presentes, à simplicidade e ao trabalho. O homem incansável é extremamente afortunado por poder vivenciar e contemplar a dádiva divina que o rodeia, que o nutre e que o exige pelo trabalho. São divinizadas, sacralizadas, a vida e a atividade do agricultor. Somente nesta vida simples é possível se encontrar a realização.

No poema, encerra-se a idéia de que, pela agricultura, Roma poderia retomar o seu triunfo, perdido em virtude do deslumbramento, das riquezas, dos luxos e excessos, os quais acometeram os romanos e sempre acometerão os homens das civilizações de todas as épocas.

Segundo a própria crença romana a respeito de suas origens, Júpiter pôs fim à Idade de Ouro. Roma estabeleceu-se pela fé, pela simplicidade e, sobretudo, pelo trabalho, próprios da vida rústica. O desenvolvimento, a expansão e a anexação de outros povos e terras trouxeram a riqueza e o poder, fazendo os romanos conhecerem a ambição e a soberba.

Por fim, pode-se compreender a mensagem difundida pelas *Geórgicas*: o estabelecimento da paz, a sonhada volta da Idade de Ouro perdida, somente seriam possíveis por meio do retorno às origens campestres do povo romano, do resgate e da preservação dos antigos valores e do trabalho árduo, mas nobre. Conclui-se, assim, que os mais relevantes ensinamentos da obra são universais, existenciais, religiosos, filosóficos etc.

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Literatura latina*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1966.
- BELLESSERT, A. *Virgílio. Su obra y su tiempo*. Trad. D. P. Suárez. Madrid: Tecnos, 1965.
- BETTARELLO, I. *Poesia e poética de Vergílio*. São Paulo: USP, 1955
- BLOCH, R. *Origens de Roma*. Lisboa: Verbo, 1966.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico*. Vol. II. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- CATON. *De l'agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CODONER, Carmin (Org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 1997.
- CUNHA, Alice da Silva. "A ressonância epicurista na literatura latina". In: *Calíope – Presença clássica*. Ano II, n. 2, UFRJ: 1985; p. 99 -112.
- DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Vergil and Ovid*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 1996.
- DENIS, E. de Saint. "Mécène et la gènesse des Géorgiques". In: *Revue des Études Latines*. Paris: Société des Études Latines, 1969; p. 194 - 297.
- DIAKOV, V. *História de Roma*. Lisboa: Editora Arcádia Limitada, 1965.
- DOURADO, Mecenas. *Mecenas ou o suborno da inteligência*. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1947.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967.
- FARIA, Ruth Junqueira de. "O helenismo em Roma". In: *Calíope - Presença clássica*. Ano I, n. 1, UFRJ, 1984; p. 37 - 43
- FERNANDES, R. M. R. "Horácio e a sua Arte Poética". In: *Horácio - arte poética*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1984; p. 09 – 46.
- GALE, M. "Virgil on the nature of things". In: *The "Georgics", Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: University Press, 2000.

- GIORDANI, Mário C. *História de Roma*. Antiguidade Clássica II. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GLARE, P. W. et alii (ed.). *Oxford latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GRENIER, Alberto. *El genio romano*. Barcelona: Editorial Cervantes, 1927; p. 339-403.
- GRIMAL, Pierre. "A época de Augusto". In: *Calíope – Presença clássica*. Ensaio traduzido por Ruth Junqueira de Faria. Ano II, n. 2, UFRJ, 1985; p. 140-150.
- _____. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 3ª. ed. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1977.
- _____. *La civilización romana*. Provenza: Editorial Juventud, 1984.
- _____. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- _____. *Virgílio ou o segundo nascimento de Roma*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- LEONI, G. D. *Vergílio e Horácio no ambiente histórico e literário de seu tempo*. São Paulo: Distribuidora Sonora, s.d.
- LUCRÈCE. *De la nature*. Introduction et notes de Henri Clouard. Paris: Garnier, s.d.
- MARMORALE, Enzo. *História da Literatura Latina*. Vol. I. Tradução de João Bartholomeu Jr. Lisboa: Cor, 1974.
- MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.
- MAYER, Ruy. *As Geórgicas de Vergílio*. Versão em prosa dos três primeiros livros e comentários de um agrônomo. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1948.
- NOVAK, Maria da Glória (org.). *Poesia lírica latina*. 3ª Ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- PATIN, M. *Poésie latine*. Tome premier. 4^e. édition. Paris. Librairie Hachette, 1900.

- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Vol. II : Cultura romana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- PICHON, René. *Histoire de la littérature latine*. Paris: Librairie Hachette, 1947.
- _____. *Virgile. Oeuvres Completes*. 4ª edition. Paris: Librairie A. Hatier, 1948.
- POLIT, A. E. *Sintesis Virgiliana*. Quito: Editorial La Unión Católica, 1960.
- RIBEIRO, Márcio L. M. *A poesia pastoril: as Bucólicas de Virgílio*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2006.
- ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. Trad. Waltensir Dutra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- SANTOS, Elaine C. Prado dos. *O IV canto das Geórgicas*. São Paulo: Scortecci, 2007.
- _____. *O IV canto no contexto das Geórgicas, tradução e notas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP: 1995.
- SARAIVA, Fr. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Garnier, Livreiro-Editor, s.d.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia greco-latina*. Belo Horizonte: Editora Itáliaia, 1965.
- _____. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, 1961.
- SPURR, M. S. "Agriculture and the *Georgics*". In: *Greece and Rome*. Vol. XXXIII. Oxford: At the Clarendon Press, 1986; p. 164-187.
- TANNUS, Carlos Antonio Kalil et alii. "Literatura latina e realidade histórica". In: *Calíope - Presença clássica*. Ano III, n. 4, UFRJ, 1986; p. 147-159.
- TREVIZAM, Matheus. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese de Doutorado. São Paulo: UNICAMP, 2006.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os Gregos*. Trad. de Haiganuch Sarian. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Editora da USP, 1973.
- VEYNE, Paul. *La société romaine*. Paris: Seuil, 2001.
- VIRGIL. *Georgics*. Translation by H. Rushton Fairclough. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press/ London: Willian Heinemann Ltd, 1986.
- VIRGILE. *Georgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint- Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- VIRGÍLIO. *As Geórgicas*. Trad. Antonio Feliciano de Castilho, com anotações de Othoniel Motta. São Paulo: Heros Graphica Editora, 1930.

VIRGILIO. *Georgiche*. Introduzione di Antonio La Penna, traduzione di Luca Canali, note al testo di Riccardo Scarcia. 2^a edizione. Milano: Rizzoli Libri, 1988.

WEBER, Max. *Historia agraria romana*. Traducción V. A. Gonzalez. Madrid: Akal Editor, 1982.